



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA ESTRANGEIRAS

HELENA BRESSAN CARMINATI

O TRABALHO DES/HUMANIZADOR EM *É ISTO UM HOMEM?* E A *CHAVE*
***ESTRELA*, DE PRIMO LEVI**

Florianópolis

2018

HELENA BRESSAN CARMINATI

O TRABALHO DES/HUMANIZADOR EM *É ISTO UM HOMEM?* E A *CHAVE ESTRELA*, DE PRIMO LEVI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Língua Italiana e Literaturas – da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras – Língua Italiana e Literaturas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Patricia Peterle.

Florianópolis

2018

Helena Bressan Carminati

O TRABALHO DES/HUMANIZADOR EM *É ISTO UM HOMEM?* E *A CHAVE ESTRELA*,
DE PRIMO LEVI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Língua Italiana e Literaturas – da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Letras – Língua Italiana e Literaturas.

Florianópolis, 6 de dezembro 2018.

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Patricia Peterle
Orientadora

Prof. Dr. Maurício Santana Dias
Examinador

Prof.^a Dr.^a Meritxell Hernando Marsal
Examinadora

La letteratura è parola. E la parola sopravvivrà, perché la parola è comunicazione. Il destino dell'umanità dipende da questo: comunicare. Saper essere tolleranti, magari molto tolleranti, ma non permettere la guerra.

(Primo Levi – La parola sopravvivrà)

AGRADECIMENTOS

Início estes parágrafos, agradecendo aos meus pais, Márcia e Celso, por serem minha inspiração diária. Ambos, em suas áreas de trabalho – minha mãe em uma escola pública, e meu pai em uma universidade também pública –, compartilham comigo o amor pela Educação, pelos estudos e pelos livros. Devo a eles o meu carinho pelas Letras e também minha formação como aluna, professora e ser humano. Obrigada por me fazerem acreditar em um mundo melhor, que começa nos pequenos gestos, principalmente por meio da Educação, e por lutarem sempre para que a realidade, não somente minha, mas a de outras pessoas, seja transformada pela palavra, seja ela escrita, falada ou apenas sentida.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Patricia Peterle, que conheci no primeiro semestre da graduação e me orientou também na bolsa de iniciação científica durante dois anos, por mostrar-me os caminhos da pesquisa e as fendas que se abrem através dela. Minha imensa admiração por quem você é e por tudo que compartilha, não apenas comigo mas com todos os seus alunos e orientandos. Gratidão pelo seu apoio, paciência, sabedoria e disponibilidade (inclusive em responder meus vários e-mails).

Aos amigos que se fizeram presentes, ainda que não fisicamente, em muitos momentos da minha vida e me acolheram sempre de braços abertos, compartilhando alegrias e proporcionando-me belos (re)encontros ao longo dos anos.

A todos os meus professores, da escola à universidade, que foram fundamentais para que eu trilhasse este percurso e me fizeram escolher a palavra e os livros como caminho para a minha realização profissional e pessoal.

A todas as pessoas, amigos e familiares, que não foram citadas, mas que de modo direto ou indireto, fizeram parte, ainda que breve, da minha trajetória até aqui.

Por fim, dedico este trabalho à memória dos sobreviventes e não sobreviventes de Auschwitz, que encontraram em Primo Levi uma testemunha, que se tornou escritor para falar em nome daqueles que não puderam ou não o conseguiram fazer. Às vidas aniquiladas, privadas por todas as guerras, massacres e barbáries da nossa ainda história (des)humana.

Para que não nos esqueçamos, para que nunca mais aconteça.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso propõe uma reflexão sobre a relação homem-trabalho nas obras *É isto um homem?* (2000) e *A chave estrela* (2009), do autor italiano Primo Levi. Assim, o principal objetivo é pensar a escrita do autor a partir de duas obras distantes temporalmente, mas que dialogam através de alguns temas como a guerra e o trabalho. Para isso, em um primeiro momento, propõe-se pensar o contexto artístico italiano do pós-guerra, sobretudo o literário, e alguns dos autores com os quais Levi estabeleceu diferentes diálogos. Num segundo momento, o foco central é a análise comparativa dos dois romances que formam o *corpus* desta pesquisa e as relações entre homem-trabalho, fundamentais nesses livros. A leitura crítica partiu da análise de trechos selecionados que auxiliassem a estabelecer conexões para pensar como é tratada essa problemática, considerando que cada obra possui suas particularidades e diferentes perspectivas e noções sobre o trabalho. Esta pesquisa tem o intuito, portanto, de aprofundar o conhecimento sobre o escritor judeu Primo Levi e fortalecer sua presença no Brasil.

Palavras-chave: Narrativa Italiana. Primo Levi. Homem. Trabalho.

RIASSUNTO

La presente tesina di Laurea ha lo scopo di proporre una riflessione sulla relazione tra l'uomo e il lavoro nelle opere *Se questo è un uomo* (2000) e *La chiave a stella* (2009) di Primo Levi. Dunque, il principale obiettivo è pensare la scrittura dell'autore attraverso due opere lontane nel tempo, ma che dialogano in alcuni punti come la guerra e il lavoro. Il lavoro è diviso in due parti. Nella prima, si propone di pensare il contesto artistico italiano, soprattutto quello letterario, del dopoguerra e, di conseguenza, alcuni degli autori con cui Levi ha stabilito dei dialoghi. Nella seconda parte, la discussione si concentra sull'analisi delle due opere scelte come *corpus* della presente ricerca. La lettura critica, quindi, parte dallo studio comparato dei due libri, analizzando dei frammenti che aiutino a capire meglio come l'argomento, cioè il rapporto uomo-lavoro, viene svolto in questi due libri, considerando le loro particolarità e le diverse prospettive. Questa ricerca vuole, pertanto, approfondire la conoscenza e gli studi dedicati a Primo Levi e rafforzare la sua presenza in Brasile.

Parole-chiave: Narrativa Italiana. Primo Levi. Uomo. Lavoro.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REDES E DIÁLOGOS LITERÁRIOS POSSÍVEIS NO PÓS-GUERRA	10
3 O TRABALHO QUE DES/HUMANIZA	25
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS	41
APÊNDICE A – Outras dissertações e teses sobre Primo Levi.....	44

1 INTRODUÇÃO

O *Novecento* italiano foi marcado por grandes conflitos que permearam a vida da sociedade italiana de diversas formas. O cenário sócio-histórico-cultural de um país devastado após a Segunda Guerra foi um terreno fértil para a escrita de diversas narrativas que dessem conta daquela realidade. Entre os diversos autores e artistas que colocaram no papel suas experiências, está Primo Levi (1919-1987), escritor, químico e judeu italiano, prisioneiro em Auschwitz durante os anos de 1944 a 1945. Em seu regresso à Turim, sua cidade natal, Levi escreve sobre seu vivido e é hoje reconhecido mundialmente por sua literatura de testemunho, isto é, por seus livros em que narra e reflete sobre o *Lager*¹.

Pensar então a escrita do autor é ter em mente sua experiência traumática, que acaba perpassando toda sua produção literária, ainda que, em alguns casos, de modo não tão explícito. Nesse sentido, o presente trabalho propõe a leitura de duas obras: *É isto um homem?* e *A chave estrela*, a partir da problemática de como é apresentada e se desenvolve a relação entre o homem e o trabalho em ambas as obras. A primeira, de 1947, traduzida por Luigi del Re e publicada no Brasil, em 1988, pela Rocco, traz, em uma espécie de diário, a experiência de Levi no Campo de Concentração, enquanto a segunda, de 1978, traduzida em 2009 por Maurício Santana Dias e editada pela Companhia das Letras, depois de trinta anos, narra a história de Faussone, um montador italiano que viaja o mundo por conta de seu ofício. Assim, o principal objetivo é pensar a escrita do autor a partir de duas obras distantes temporalmente, mas que dialogam através de alguns temas como a guerra e o trabalho.

Além desta introdução, a presente pesquisa conta com mais dois capítulos. O segundo apresenta a trajetória do autor, incluindo dados biográficos obtidos de seus críticos mais importantes, sua inserção no cenário cultural e alguns contatos com escritores com os quais Levi dialogou e, conseqüentemente, algumas de suas referências como escritor/leitor. Nessa trama, é também possível perceber, contudo sem exaurir, algumas das questões literárias e culturais que estavam em efervescência nesse período.

Já o terceiro capítulo apresenta o estudo mais analítico e comparativo entre as obras do *corpus*, permeado pelo tema central, que será o *fil rouge*: a relação entre o homem e o trabalho em ambas as obras.

Faz-se importante salientar que Primo Levi é um escritor que conquista um espaço cada vez mais privilegiado na literatura italiana do século XX, e, assim sendo, a realização desta

¹ Termo alemão que se refere aos campos de concentração nazistas.

pesquisa tem como propósito contribuir com o material já publicado, fortalecendo sua presença e colaborando com os estudos literários do século XX (principalmente no Brasil, onde o autor passou a ser conhecido e estudado). Nesse sentido, faz-se importante lembrar que há poucos meses foi publicado na Itália, pela Editora Einaudi, o terceiro volume de suas *Obras completas*, que reúne pela primeira vez as entrevistas concedidas por Levi ao longo de sua trajetória.

Meu interesse pelo autor foi despertado durante a disciplina de Introdução aos Estudos da Narrativa, no início da graduação, quando tive meu primeiro contato com suas obras – até então desconhecidas por mim – e pude aprofundar minhas leituras, para, anos mais tarde, perceber aquelas com as quais mais me identificava. Nessa ocasião, trabalhei em sala de aula com os contos *O amigo do homem* e *Rumo ao ocidente*, que fazem parte da obra *71 contos de Primo Levi*, com tradução de Maurício Santana Dias. E foi assim que *É isto um homem?* e *A chave estrela* se tornaram os objetos de estudo deste trabalho.

2 REDES E DIÁLOGOS LITERÁRIOS POSSÍVEIS NO PÓS-GUERRA

“[...] Scrivere non è propriamente un mestiere, o almeno a mio parere, non lo dovrebbe essere: è un’attività creativa, e perciò sopporta male gli orari e le scadenze, gli impegni con i clienti e i superiori. Tuttavia, scrivere è un ‘produrre’, anzi un trasformare: chi scrive transforma le proprie esperienze in una forma tale da essere accessibile e gradita al ‘cliente’ che leggerà.”
(Primo Levi- L’altrui mestiere)

Pensar na escrita de Primo Levi significa pensar num complexo e importante período de transformações, o século XX, ou ainda, o século breve, marcado por acontecimentos fortes e até mesmo traumáticos. As guerras e seus desdobramentos causaram mudanças partilhadas e sofridas, que deixaram marcas indeléveis na sociedade. A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi um dos ápices de tal momento histórico e causou a destruição de muitas cidades. Contudo, não houve somente destruições de lugares, mas sobretudo milhares de vidas foram também destroçadas. Perda de referências, destruições, mortes e fraturas, que deixaram seus rastros em uma sociedade – transformada – que se viu perdida em meio à barbárie.

Os eventos extremos, limites da existência, que desafiam o humano colocando-o ao lado e frente a frente com o não humano, provocam todo um movimento de reflexão, angústia, vergonha, medo, apreensão. Muitas pessoas preferiram silenciar ou foram forçadas ao silêncio diante da violência e da impossibilidade de pensar o indizível, outros escolheram partilhar suas experiências por meio de diferentes formas de expressão. O vivido, dessa forma, retornava através dos fios da memória (que também é esquecimento), desfiados de um grande novelo humano. De fato, houve uma grande produção artística; pintaram-se quadros, escreveram-se livros, criaram-se espaços como museus e memoriais, que foram sendo plasmados ao lado de feriados nacionais, que, como nos lembra Walter Benjamin, “são os dias da reminiscência”².

É nesse momento de perda de referências, de destruições e de profunda crise que é preciso pensar a escrita e o lugar de Primo Levi (1919-1987), de suas reflexões e contribuições para o humano ou – como aponta Deleuze em seu *Abecedário* – a vergonha do humano. Italiano, filho de uma família judia, Primo Levi frequentou, quando adolescente, o tradicional Liceu D’Azeglio, lugar que despertou seu interesse pelas disciplinas científicas e o levou, anos depois, a se matricular em Química na Universidade de Turim. Após a graduação, já durante o regime fascista, Levi abandona o emprego de químico, fugindo de sua cidade natal e juntando-se às forças da Resistência. É preso como suspeito judeu em 13 de dezembro de 1943 e, no

² BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. **Magia e Técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, v. I). p. 230.

interrogatório, declara-se “cidadão italiano de raça judia”, o que o leva a ser enviado a Fossoli, pequena cidade italiana onde havia um campo de concentração para prisioneiros de guerra. Lá, fica até fevereiro de 1944, quando é deportado para Auschwitz junto com outras 649 pessoas, em “vagões de carga, trancados por fora, e, por dentro, homens, mulheres e crianças socados sem piedade, como mercadoria barata, a caminho do nada, morro abaixo, para o fundo”³. Com a chegada a Auschwitz, após passar por uma seleção, é considerado apto para o trabalho e enviado à Monowitz, onde os prisioneiros trabalhavam como mão de obra escrava na instalação de uma fábrica de borracha chamada Buna:

Estamos em Monowitz, perto de Auschwitz, na Alta Silésia, uma região onde vivem alemães e poloneses. Este é um Campo de trabalho (em alemão chama-se *Arbeits-lager*); todos os prisioneiros, uns dez mil, trabalham na instalação de uma fábrica de borracha de nome Buna; o Campo, portanto, também se chama Buna.⁴

Levi fica preso por um ano, até 27 de janeiro de 1945, quando os alemães abandonam o Campo, deixando apenas os doentes, que não tinham condições físicas de acompanhá-los, entre os quais estava aquele que, anos mais tarde, viria a ser reconhecido como escritor. De volta à Turim, após uma exaustiva viagem de regresso, narrativa de sua segunda obra, *A Trégua*, publicada na Itália em 1963 e traduzida para o português, em 1997, por Marco Lucchesi, Levi sente a necessidade, de caráter “imediato e violento”⁵, de contar aos outros o que vivenciou como prisioneiro, dando vida então à sua obra de estreia, *É isto um homem?*. Neste livro, em que narra suas memórias, revive os dramas daquela que foi a sua pior experiência. O leitor poderá encontrar, nos seus 17 capítulos, fragmentos de cenas e momentos do cotidiano de Auschwitz, a dor e os sentidos que o fizeram pensar na humanidade do homem, numa narrativa composta por lembranças. Tais capítulos podem ser lidos de forma independente, pois não possuem uma sequência. Isto, aliás, é bastante interessante, se pensarmos na relação entre a própria divisão do livro, fragmentada, e a memória, que se constitui por flashes ou ainda por pequenos ‘pedaços’, enfim, por mínimas observações, por fragmentos. É um contar que se realiza nos e pelos detalhes, um gesto de escavar no interior da experiência que só pode viver pela via da memória. É através da memória e pela língua que o passado retorna e resiste, ainda que fragmentado, em um gesto de reconhecimento do próprio vivido. O autor a escava, procura lembrar os acontecimentos para compartilhá-los, tenta entender os limites do humano por meio da escrita, pois é a própria experiência de Auschwitz que demanda tal ato, uma vez que,

³ LEVI, Primo. *É isto um homem?*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 17.

⁴ *Ibid.*, p. 30.

⁵ *Ibid.*, p. 8.

Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois, “fatos” nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação.⁶

E, para complementar tal pensamento, referindo-se à Levi, Roberta Barni afirma:

A memória, fugidia, deve ser gravada em palavras escritas (as palavras são pedras). Está tão atônito, incrédulo, diante do que ele viveu, que se propõe a lembrar tudo, desde o início e, consciente do caráter inapreensível da memória, ele passa a “escrever” o livro em sua mente desde o campo.⁷

Foi assim que Primo Levi *se tornou* escritor, para testemunhar e tentar compreender sua experiência. Desse modo, estreou na literatura italiana do pós-guerra com um romance, ao lado de outros autores que também estavam escrevendo sobre questões relacionadas à guerra e ao trauma vivido. Turim, cidade do Piemonte, na região Norte da Itália, é onde viveram Primo Levi e outros escritores, tais como Cesare Pavese e Carlo Levi. Além disso, foi ali que ‘nasceu’ a Einaudi, editora italiana de grande prestígio até os dias atuais e ponto importante de encontro de muitos intelectuais da época. Pensar, então, a produção literária desse escritor de origem judaica é pensar em suas interlocuções com a própria cidade de onde ele escrevia, com os escritores com os quais ele estava dialogando e, por consequência, em suas referências como escritor/leitor e, ainda, nas possíveis questões literárias que estavam efervescendo em um cenário histórico-sócio-cultural de um país devastado pela guerra. Nesse sentido, a produção artística que se propôs a pensar o passado, as marcas deixadas pela guerra, permitiu que se enxergasse o passado com outros olhares, não em um gesto de apenas observá-lo passivamente, mas de pensá-lo, questioná-lo diante do presente, a fim de perceber o que isso talvez pudesse indicar. A produção artística do pós-guerra, então, permitiu ao passado

[...] ressurgir, diferente de si mesmo e, no entanto, semelhante, abrindo um caminho inesperado nas camadas do esquecimento. Se há uma retomada do passado, este nunca volta como era, na repetição de um passado idêntico: ao ressurgir no presente, ele não é o mesmo, ele se mostra como perdido e, ao mesmo tempo, transformado por esse ressurgir; o passado é outro, mas, no entanto, semelhante a si mesmo.⁸

Desse modo, em um movimento de estudar e compreender esse passado para pensá-lo, voltando o olhar para a realidade italiana dos anos após a Segunda Guerra, deparamo-nos com

⁶ BENJAMIN, Walter. Escavando e recordando. In: _____. **Rua de mão única**. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Obras Escolhidas, v. II). p. 239.

⁷ BARNI, Roberta. Primo Levi ou da narrativa como Ethos. **Revista de Italianística**, São Paulo, n. 14, 2006, p. 77.

⁸ GAGNEBIN, Jeanne Marie. Do conceito de Mimesis no pensamento de Adorno e Benjamin. In: _____. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p. 102.

muitos escritores que vivenciaram este evento traumático, não na condição de prisioneiros, como o caso de Primo, mas como parte do movimento da *Resistenza Italiana*⁹, como *partigiani*¹⁰, posicionando-se contra a invasão dos alemães na península itálica. Por isso, grande parte dos escritos sobre tal período nasceu a partir da vivência de tal movimento, como é o caso da chamada “polifonia partigiana”¹¹, da qual fazem parte os escritores Elio Vittorini, Italo Calvino, Cesare Pavese, Beppe Fenoglio¹², dentre outros. Ao escreverem sobre suas vivências e realidades, trouxeram para as páginas em branco reflexões pensadas a partir daquilo que viram, sentiram e presenciaram. Pensando então nessa produção literária a partir da experiência *partigiana*, podemos citar a obra *Il sentiero dei nidi di Ragno*, de Calvino, publicada em 1947 (mesmo ano de publicação de *É isto um homem?*), que possui um posfácio bastante interessante, escrito anos mais tarde, em 1964, no qual o autor reflete sobre as narrativas do período:

A explosão literária daqueles anos na Itália, foi, antes de tudo um fato artístico, um fato fisiológico, existencial, coletivo. Havíamos vivido a guerra, e nós, os mais jovens – que havíamos conseguido ser partigianos – não nos sentíamos esmagados, vencidos, “queimados”, mas vencedores, empurrados por uma carga propulsora da batalha apenas concluída, depositários exclusivos de uma herança. Não era um fácil otimismo, ou ainda uma gratuita euforia; todavia: aquilo de que nos sentíamos depositários era um sentido da vida como algo que pode recomeçar do zero, um nó problemático geral, e também uma nossa capacidade de viver o tormento e o desastre; mas o tom que nos colocávamos era de uma desafiadora alegria¹³.

⁹ Para melhor entendimento do movimento, faz-se interessante a leitura da dissertação: BIANCONI, Leonardo Rossi. **Bandidos e heróis: os partigiani na Resistenza** de Beppe Fenoglio. 2013. 160f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/E83Hdc>>. Acesso em: 10 maio 2018.

¹⁰ Os *partigiani* eram guerrilheiros do movimento da Resistência Italiana, que lutavam contra a invasão dos alemães na península itálica.

¹¹ SCARPA, Domenico. Dal romanticismo a oggi. In: LUZZATTO, Sergio; PEDULLÁ, Gabriele. **Atlante della letteratura italiana**. Torino: Einaudi, 2012. v. III, p. 757.

¹² Em 2016, Enrico Testa, escritor e professor italiano, por ocasião de sua vinda à Universidade Federal de Santa Catarina, dedicou uma parte de seu minicurso “Organizzare il disordine: l’ortopedia della sintassi e le slogature del male” a Beppe Fenoglio e ao texto *Il Partigiano Johnny*, no evento *Resíduos do humano: experiência e linguagem na literatura italiana das últimas décadas*. Disponível em: <<https://goo.gl/kN6Rp8>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

¹³ “L’esplosione letteraria di quegli anni in Italia fu, prima che un fatto d’arte, un fatto fisiologico, esistenziale, collettivo. Avevamo vissuto la guerra, e noi più giovani – che avevamo fatto appena in tempo a fare il partigiano – non ce ne sentivamo schiacciati, vinti, ‘bruciati’, ma vincitori, spinti dalla carica propulsiva della battaglia appena conclusa, depositari esclusivi d’una sua eredità. Non era facile ottimismo, però, o gratuita euforia; tutt’altro: quello di cui ci sentivamo depositari era un senso della vita come qualcosa che può ricominciare da zero, un rovello problematico generale, anche una nostra capacità di vivere lo strazio e lo sbaraglio; ma l’accento che vi mettevamo era quell’una spavalda alegria”. (tradução nossa). CALVINO, Italo. **Il sentiero dei nidi di ragno**. Verona: Mondadori, 2006, p. 6.

Calvino chama de “explosão literária” a produção italiana do pós-guerra, que, segundo ele, vinha de uma necessidade – como é também descrita por Levi em seu prefácio¹⁴ a *É isto um homem?* – fisiológica e existencial. Falar sobre a guerra e os momentos vividos tornou-se importante naquele momento, em que a Itália e seus cidadãos estavam passando por um processo de reflexão e reconstrução da própria identidade e das cidades, deixadas em ruínas. Era preciso escrever sobre, passar a experiência para o papel, para talvez deixar que ela se resfriasse um pouco na esfera literária, uma vez que grande parte dos autores escreveu apenas um ou dois livros sobre o tema, o que deixa transparecer, talvez, ao contrário de Primo Levi, um desejo de amenizar a dor, de deixar que ela ecoasse, mas reservando também um espaço para o silêncio, em uma possível tentativa de superá-la, para poder cultivar o futuro e o progresso, que viriam com os anos seguintes, como um movimento de *ricominciare da zero*, para recuperar as palavras de Calvino.

Além de uma importante referência da literatura italiana, Calvino foi também leitor de Levi. Trocavam ideias, principalmente a respeito da ciência, que fazia parte de suas formações. Calvino, inclusive, escreve uma carta a Primo, em 1961, dizendo que havia lido seus contos. Eis uma breve citação:

Caro Levi

Finalmente li os seus contos. Aqueles de Fanta-ciência, ou melhor: *fantabiológicos*, me atraem sempre. O seu mecanismo fantástico que parte de um dado de partida científico-genético tem o poder de sugestão intelectual e também poética, como tem para mim as divagações genéticas e morfológicas de Jean Rostand. [...] Resumindo, é uma direção a qual lhe encorajo a trabalhar¹⁵.

Nesse comentário de Calvino sobre os contos fantásticos de Levi, é possível perceber uma certa aproximação de ambos, se considerarmos também que eles trabalharam juntos por alguns anos na editora Einaudi, e suas próprias escritas, mais tarde, se cruzarão pela temática científica e pela herança iluminista. Mas, além de Calvino, que era um pouco mais jovem, podemos lembrar de outro autor que, assim como ele, se aproximava do escritor judeu: Cesare

¹⁴ “[...] a necessidade de contar ‘aos outros’, de tornar ‘os outros’ participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares. O livro foi escrito para satisfazer essa necessidade em primeiro lugar, portanto com a finalidade de liberação interior”. LEVI, 2000, p. 8.

¹⁵ “Caro Levi, ho letto finalmente i tuoi racconti. *Quelli fantascientifici, o meglio: fantabiologici, mi attirano sempre. Il tuo meccanismo fantastico che scatta da un dato di partenza scientifico-genetico ha un potere di suggestione intellettuale e anche poetica, come lo hanno per me le divagazioni genetiche e morfologiche di Jean Rostand. [...] Insomma, è una direzione in cui ti incoraggio a lavorare*”. (tradução nossa). Trata-se de uma carta de Calvino a Levi de 22 de novembro de 1961. CALVINO, Italo. Italo Calvino, a Primo Levi. In: TESIO, Giovanni (Org.). **I libri degli altri**. Lettere 1947-1981. Torino: Einaudi, 1991, p. 382.

Pavese (1908-1950). Pavese fora professor de Levi no Liceu clássico D’Azeglio, trabalhou como tradutor, romancista e, assim como a maioria dos escritores, sofreu com o regime ditatorial instaurado por Benito Mussolini, tendo sido condenado, em 1935, a três anos de prisão na Calábria, região Sul da Itália, acusado de propagar ideias antifascistas. Tal experiência de exílio em Brancaleone Calabro tem como resultado as páginas de *Il carcere*. Nesse contexto, outra obra de Pavese digna de ser lembrada é, por exemplo, *Il Compagno* (1947), um romance numa chave de formação do jovem Pablo, que das tardes ociosas com seu violão, a partir de uma série de acontecimentos, passa a ter uma consciência maior do que há a seu redor. Pablo se transfere para Roma, tomada pelo fascismo, e se dá conta daquela nova realidade, entrando para um grupo de oposição clandestina. Esse romance é visto pela crítica como um texto ‘secundário’ na produção pavesiana, que não deixa de ser uma resposta à exigência de empenho que se fazia na época. *Il Mestiere di Vivere* (1952), uma espécie de autocrítica e um diário sobre sua arte, seus processos criativos e sobre o sentido da própria existência, é uma obra referência para Primo Levi, que a retoma anos mais tarde, em 1981, em uma entrevista, ao falar do trabalho na sua obra *A chave estrela*:

Também a recompensa, exato. Se encontra o sucesso e o insucesso. Tem uma frase de Pavese que muito citei e que me tocou muito. Está no *Mestiere di Vivere*. Diz a si mesmo: as duas experiências da idade adulta você já teve: o sucesso e o insucesso. Eu também a escrevi, a fiz ser dita por Faussone: “Um homem que não tenha nunca tido uma experiência negativa não é um homem, é como se tivesse ficado na primeira comunhão¹⁶.”

Além de ter sido aluno de Pavese, Levi fora também seu leitor, uma atitude recíproca, pois é o próprio Pavese quem escreve uma declaração bastante interessante a respeito de *É isto um homem?* no *Bollettino della Comunità Israelita di Milano*: “porque é de arte que se trata, ao contrário daquilo que acontece muito entre os livros escritos após a experiência do campo de concentração, incapazes de superar a urgência do horror”¹⁷. Aqui, podemos perceber o olhar aguçado de Pavese (convém não esquecer de seu papel crucial na Einaudi) diante da obra de Levi, que ressalta as características da escrita do autor: a maneira leve, contida e de certa forma ‘imparcial’ com que Primo escreve sobre sua experiência, uma vez que se recusa ao maniqueísmo, que anula as vítimas e transforma os alemães em entidades monstruosas. Levi é

¹⁶ “*Anche la ricompensa, appunto. Si trova il successo e l’insuccesso. C’è una frase di Pavese che ho citato sovente e che mi ha molto colpito. È nel Mestiere di vivere. Dice a se stesso: le due esperienze dell’età adulta le hai avute: il successo e l’insuccesso. L’ho anche scritto, l’ho fatto da dire da Faussone: ‘Un uomo che non abbia mai avuto un collaudo negativo non è un uomo, è come se fosse rimasto alla prima comunione’*”. (tradução nossa). LEVI, Primo. **Opere complete**. Organizado por Marco Belpoliti. Torino: Einaudi, 2018a, v. III, p. 172.

¹⁷ “*Perché di arte si tratta, al contrario di quel che accade parecchi tra i libri usciti dall’esperienza dei campi di concentramento, incapaci di superare l’immediatezza dell’orrore*”. (tradução nossa). PAVESE, apud SCARPA, 2012, p. 756.

muito prudente; observa e percebe a situação com cautela, sem se deixar dominar pelo ódio ou pela própria dor, o que, por outro lado, não deixa de existir. Parte de uma necessidade fisiológica de contar, de colocar em palavras e, de certa forma, organizar as ideias a respeito do vivido. A dor permanece, mas é exposta de maneira consciente, pensada, deixando ao leitor a liberdade dos sentimentos, uma vez que não coloca dureza, não enrijece sua experiência, mas a conta para levá-la até o outro e também a si mesmo.

Assim, o pós-guerra italiano é um período de efervescência intelectual:

O fim da Segunda Guerra Mundial representa, como já se sabe, o momento de repensar a literatura e sua relação com a história e a sociedade. Para usar as palavras de Vittorini, muitos poetas e escritores se sentiram chamados “a outros deveres”, isto é, a contribuir para construção de uma nova sociedade, na qual a cultura deveria exercer um papel fundamental, tanto na gestão do poder quanto na formação de um povo maduro e consciente; tudo a partir daquela que Calvino define, em seu ensaio *Il midollo del leone*, a “consciência do negativo”, ou ainda, a “consciência de viver no momento mais baixo e trágico de uma parábola humana, de viver entre Buchenwald e a bomba H”.¹⁸

Entre os escritores que, como sublinha Fioretti, sentiam-se chamados a outros deveres, podem ser lembrados os já citados Elio Vittorini (1908-1966) e Beppe Fenoglio (1922-1963). Vittorini escreveu *Conversazioni in Sicilia* (1941); e Fenoglio, *Primavera di Bellezza* (1959), *Il partigiano Johnny* (1968) e *Una questione privata* (1963). Nesse mesmo período, Carlo Levi (1902-1975) compõe uma narrativa memorialista, evocando o período de 1935-1936, quando fora prisioneiro do regime fascista. Escrito entre 1943 e 1944, *Cristo si è fermato a Eboli* é o testemunho do exílio e do mergulho do escritor nas consequências trágicas do totalitarismo italiano. Outro nome a ser lembrado é o do *abruzzese* Ignazio Silone (1900-1978). Sua obra *Fontamara* (1933) dá voz a três diferentes protagonistas, um homem, uma mulher e seu filho, possibilitando o acesso a diferentes perspectivas da história contada. Silone dá possibilidade de fala aos três personagens, que representam pobres marginalizados da cidade imaginária de Fontamara, no Sul da Itália, para que compartilhem suas experiências. O texto pode ser visto

¹⁸ “*La fine della Seconda Guerra mondiale rappresenta, come è noto, un momento di ripensamento in merito alla letteratura e al suo rapporto con la storia e con la società. Per usare le parole di Vittorini molti poeti e scrittori si sentono chiamati ‘ad altri doveri’, ossia a contribuire all’edificazione di una società nuova, in cui la cultura avrebbe dovuto esercitare un ruolo determinante, tanto nella gestione del potere quanto nella formazione di un popolo maturo e consapevole; il tutto a partire da quella che Calvino definisce, nel saggio Il midollo del leone, ‘conscienza del negativo’, ovvero la ‘conscienza di vivere nel punto più basso e tragico di una parabola umana, di vivere tra Buchenwald e la bomba H’.*” (tradução nossa). FIORETTI, Daniele. Pavese e l’engagement postbellico: dai dialoghi col compagno a la casa in collina. In: CONCOLINO, Christopher (Org.). **Cesare Pavese a San Francisco**: incontro per la celebrazione del centenario della nascita. Firenze: Franco Cesati, 2011, p. 53.

como uma espécie de denúncia da vida precária dos agricultores à época, ditos *cafoni*, e foi escrito quando o autor estava exilado na Suíça, em 1930¹⁹.

Portanto, o que se pode perceber é um movimento de partilha por parte de todos esses escritores, que deram voz a personagens e a seus próprios vividos, em narrativas que tentavam representar a experiência *partigiana* do exílio e de guerra. Uma urgência de contar, de narrar, que, segundo Calvino, foi uma verdadeira “explosão literária”. Os escritores, marcados pela guerra, sentiram, assim como Primo Levi, a necessidade de contar o que viveram, e disso nasceram seus escritos. Desse modo, “o relato dos narradores não é em nenhum momento dissociado da experiência do vivido; na verdade, a existência dos relatos é fruto de situações apresentadas pelos personagens”²⁰.

Todavia, não foi apenas na esfera literária que se tratou sobre as consequências da guerra. O cinema italiano, no contexto de uma Itália ainda em ruínas, deu forma ao movimento neorrealista italiano, que buscou perceber a realidade do país e, portanto, seu povo, retratando-o por meio da arte cinematográfica. Voltar os olhos para as dificuldades que a sociedade italiana estava vivendo, para assim representá-la. A ideia era mostrar aos espectadores aquilo que o fascismo procurara esconder ao tentar ‘uniformizar’ e ‘homogeneizar’ a Itália, inclusive proibindo os próprios dialetos. Assim, os artistas procuravam um país ‘de verdade’, destruído, miserável, a fim de documentar um presente histórico devastador. Roberto Rossellini e Vittorio De Sica foram os grandes nomes desse movimento. Utilizando recursos não tão comuns, filmavam nas ruas, em lugares das cidades que pertenciam à vida cotidiana das pessoas, saindo do modo ‘hollywoodiano’ de fazer cinema. Para interpretar os personagens, utilizavam atores não profissionais, como trabalhadores, camponeses, empregados, entre outros, tornando o neorealismo²¹ um estilo bastante curioso e peculiar de fazer cinema. Entretanto, apesar de ser este um movimento que se propôs a retratar a realidade italiana do pós-guerra e esteve em destaque no mesmo período em que Levi publicava *É isto um homem?*, Giulio Ferroni sublinha, em *Perfil storico della letteratura italiana*, que:

¹⁹ Para uma leitura mais aprofundada de tais autores, recomenda-se os seguintes trabalhos acadêmicos, disponíveis no Portal de Periódicos da Capes: **Literatura e história: loucura, paixão e guerra - considerações sobre uma questão pessoal de Beppe Fenoglio**, de Vanessa Gomes Franca. Disponível em: <<https://goo.gl/WkRzxG>>. Acesso em: 20 ago. 2017. **Linguagem e Tradição em Carlo Levi: marcas do arcaico no sul italiano**, de Amarilis Gallo Coelho. Disponível em: <<https://goo.gl/b1Yznx>>. Acesso em: 20 ago. 2017. **Da política à literatura: o percurso de Ignazio Silone**, de Patricia Peterle. Disponível em: <<https://goo.gl/a7Nbts>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

²⁰ PETERLE, Patricia. **Ignazio Silone**: encruzilhadas entre literatura, história e política. Niterói: Comunità, 2011, p. 119.

²¹ Para uma leitura do movimento neorrealista, indica-se a leitura da obra: FABRIS, Mariarosaria. **O neo-realismo cinematográfico italiano**. São Paulo: EdUSP, 1996.

Embora o momento em que foi escrito, é um texto absolutamente diferente da memorialística do neorealismo; não projeta na realidade imagens positivas ou esquemas “populares”, está longe de um estilo “ao vivo” ou de tipo cinematográfico. A lembrança da vida no *Lager* de Monowitz se desenrola como um conto-diário, no qual alternam-se o presente (tempo do diário) e o passado remoto (tempo da história): cada momento do livro, cada descrição de situações e figuras humanas, cada referência a pessoa do autor, tudo é guiado por um desejo de compreensão, de definir com uma palavra precisa e simples uma realidade que está fora de qualquer racionalidade.²²

O desejo de compreensão e de definição torna-se distante, pois a experiência em Auschwitz foge de qualquer tentativa racional de explicação. Levi tinha plena consciência disso e tentou explicitar seu pensamento naquilo que, mais tarde, irá chamar de *zona grigia*. Esse conceito, desenvolvido pelo autor, denominava uma certa zona, um certo limiar entre bem e mal, entre oprimidos e opressores. Segundo o autor, não se poderia dividir o Campo em opostos, mas tudo fazia parte de um encontro entre as partes, de acordos estabelecidos, de limites mal definidos, por isso a tentativa de compreender e explicar Auschwitz acaba escapando de conceitos e definições precisas. Ademais, como sublinhado por Ferroni, a motivação da escrita de Levi seria a compreensão de sua experiência, por isso, apesar de *É isto um homem?* ter sido escrito em plena vigência do neorealismo, a obra se distancia de tal movimento, por possuir outros objetivos. É, então, mediante a arte da escrita, numa narrativa comprometida com o não esquecimento, que o escritor italiano recupera o vivido em Auschwitz, para tentar pensá-lo e entendê-lo, como ele mesmo sublinha em uma entrevista de setembro de 1985:

É isto um homem?, eu o escrevi porque não podia fazer outra coisa. Devia me liberar de um peso. Me parecia que escrever minha experiência da deportação fosse como me submeter a um tratamento. E realmente o foi. É um livro escrito com uma única motivação. E que agora está seguindo um destino bastante especial, que se renova com cada geração de leitores.²³

Levi escreve porque não poderia ter feito diferente; a necessidade quase vital de narrar e contar conferiu urgência à sua escrita e o fez trazer à tona a memória dos tempos vividos. Nesse sentido, a escrita e a memória estão relacionadas, pois ao se escrever e (ins)crever se está

²² “Nonostante il momento in cui fu scritto, è testo assolutamente diverso dalla memorialistica del neorealismo; non proietta sulla realtà immagini positive o schemi ‘popolari’, è lontano da uno stile ‘in presa diretta’ o di tipo cinematografico. Il ricordo della vita nel Lager di Monowitz si svolge come in un racconto-diario, in cui si alternano il presente (tempo del diario) e il passato remoto (tempo della storia): ogni momento del libro, ogni descrizione di situazioni e figure umane, ogni riferimento alla persona dell’autore, tutto è guidato da una volontà di capire, di definire con una parola ferma e semplice una realtà che appare al di là di ogni razionalità”. (tradução nossa). FERRONI, Giulio. **Profilo storico della letteratura italiana**. Milano: Einaudi scuola, 2000, p. 1079.

²³ “Se questo è un uomo l’ho scritto perché non potevo farne a meno. Dovevo liberarmi da un peso. Mi sembrava che scrivere la mia esperienza di deportazione fosse come sottoporsi a una cura. E lo è stato. È un libro scritto con una motivazione unica. E che da allora sta seguendo un destino abbastanza speciale, che si rinnova con ogni generazione di lettori”. LEVI, 2018a, p. 560.

recuperando fragmentos, se está relembando, na tentativa de não esquecer e, mais que isso, na tentativa de, talvez, compreender. E, assim, para Primo Levi, transformar em palavras sua experiência foi um esforço de mantê-la viva, de passá-la para outras pessoas, uma vez que “o real precisa ser ficcionalizado para ser pensado”²⁴ e “o passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido”²⁵. Olhar o passado e tentar recuperá-lo através da memória foi um movimento importante, uma vez que a vivência da guerra havia sido limítrofe, tocando o indizível. Assim, a experiência é transformada por Levi e transportada ao nível da ficção, para que, de certa maneira, pudesse pensar e refletir sobre ela, fazendo de sua escrita, desse gesto, um espaço de pensamento, de cognoscibilidade e também de certa memória que atue na contramão de um possível esquecimento. Há uma necessidade de ‘sair’ da realidade e da factualidade para passar ao plano da imagem, como o próprio escritor aponta no prefácio:

A necessidade de contar “aos outros”, de tornar “os outros” participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares.²⁶

Assim, a ideia era partilhar tal vivido, para então se pensar a experiência com um certo distanciamento. O interessante aqui é como ela marca o autor e como é trazida por ele em suas produções literárias, uma vez que a experiência se torna ruído, rastro, ou seja, é apenas lembrança.

Nesse sentido, pensar a produção literária de Levi é criar redes textuais com outros autores de sua época, uma vez que um escritor dificilmente estará isolado de seu contexto. Ele, ao mesmo tempo em que é escritor, é também leitor de outros autores e tece, ainda que de modo indireto, uma rede de relações entre todos esses textos, escritos, lidos e traduzidos. Assim, é importante pensar nos autores, além dos já citados, que fazem parte da rede textual do escritor italiano. Um deles foi Elie Wiesel (1928- 2016), escritor judeu, também sobrevivente dos campos de concentração nazistas, que dedicou sua vida a recuperar a memória das vítimas da *Shoah*²⁷. Seu livro mais conhecido, *Noite*, publicado em 1955, conta suas memórias e

²⁴ RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. Tradução: Mônica Costa Netto. São Paulo: Ed. 34, 2005, p. 58.

²⁵ BENJAMIN, 1994, p. 224.

²⁶ LEVI, 2000, p. 8.

²⁷ *Shoah* é uma palavra hebraica que representa o termo mais difundido e utilizado para se referir ao massacre dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial: holocausto. Os judeus preferem usar a expressão hebraica, pois é originária do idioma ídiche e significa, em livre tradução, calamidade, catástrofe, enquanto holocausto, por sua vez, está relacionado à prática da expiação de pecados por incineração, o que, de certa forma, alivia o peso do genocídio nazifascista.

experiências de jovem adolescente durante a *Shoah*²⁸ e seu aprisionamento nos campos de concentração de Auschwitz e Buchenwald. Levi, em uma entrevista de 1983, fala sobre a relação de ambos:

No verão passado encontrei em Milão o companheiro Elie Wiesel, que fez do Holocausto o centro de sua vida e de sua obra como escritor. Wiesel e eu éramos companheiros de prisão em Auschwitz. Nós dois nos salvamos. Ele se transformou, em um certo sentido, em um obcecado por Deus, enquanto eu continuei na minha não-fé. Espero encontrá-lo de novo. O nosso encontro, depois de 40 anos de separação, foi fascinante justamente porque somos tão diferentes.²⁹

Além de Wiesel, com quem Levi possui uma certa aproximação em razão de seus percursos de vida, em outra entrevista, quando questionado sobre quais escritores mais admirava, o escritor italiano responde: “Calvino, Meneghello, Morante, Sciascia, Tomizza. Acrescentaria, se me permites, Berto e Fenoglio, que se estivessem ainda vivos, continuariam a escrever”³⁰. E quando perguntado sobre quais romances italianos lia até os anos 40, responde: “cito confusamente: Conrad, Melville, Pavese, Thomas Mann, os húngaros... Molnár...”³¹. Aqui, podemos perceber um pouco das redes textuais de Levi-leitor, tanto de seus contemporâneos quanto da tradição. O nome de Dante Alighieri é lembrado em várias passagens de suas obras, como nas páginas de *O canto de Ulisses*. Segundo o próprio autor, o gosto pela leitura fora um hábito cultivado principalmente por seu pai, como conta em um fragmento de seu livro *La ricerca delle radici*:

Li muito pois pertencia a uma família em que ler era um vício inocente e tradicional, um hábito gratificante, uma ginástica mental, um modo obrigatório e compulsivo de preencher os vazios do tempo, e uma espécie de fada Morgana na direção da sabedoria. Meu pai lia sempre três livros simultaneamente, lia “estando em casa, andando na rua, carregando e levantando”.³²

²⁸ Para uma leitura mais aprofundada acerca do período, recomenda-se os textos **O que resta de Auschwitz**, de Giorgio Agamben, e **Modernidade e Holocausto**, de Zygmunt Bauman.

²⁹ “L'estate scorsa ho incontrato a Milano il collega Elie Wiesel, che dell'Olocausto ha fatto il centro della sua vita e della sua opera di scrittore. Wiesel e io eravamo insieme prigionieri ad Auschwitz. Tutti e due ci siamo salvati. Ma lui è diventato, in un certo senso, un “ossesso” di Dio, mentre io sono rimasto nella mia non-fede. Spero di incontrarlo di nuovo. Il nostro incontro, avvenuto dopo quarant'anni di separazione, è stato affascinante proprio perché siamo così diversi”. (tradução nossa). LEVI, 2018a, p. 385.

³⁰ “Calvino, Meneghello, Morante, Sciascia, Tomizza. Aggiungerei, se permetti, Berto e Fenoglio, che se fossero vivi scriverebbero ancora”. (tradução nossa). Ibid., p. 194.

³¹ “Cito confusamente: Conrad, Melville, Pavese, Thomas Mann, os húngaros... Molnár...”. (tradução nossa). Ibid., loc. cit.

³² “Ho letto molto perché appartenevo a una famiglia in cui leggere era un vizio innocente e tradizionale, un'abitudine gratificante, una ginnastica mentale, un modo obbligatorio e compulsivo di riempire i vuoti di tempo, e una sorta di fada morgana nella direzione della sapienza. Mio padre aveva sempre in lettura tre libri contemporaneamente, leggeva ‘stando in casa, andando per via, caricandosi e alzandosi’”. (tradução nossa). LEVI, Primo. **L'altrui mestiere**. Torino: Einaudi, 2018b, p. 20.

A leitura de variados textos, portanto, sempre acompanhou Primo Levi, mas, quando questionado sobre quais autores teriam influenciado, de fato, seu modo de escrever, ele responde: “Não saberia dizer [...]: em tempos diversos, me senti atraído por modelos variados: Th. Mann, Manzoni, a Bíblia, A. Huxley, Hemingway, Conrad. Não sei se devo algo a alguém ou a todos”³³. Interessante aqui é pensar no variado diálogo com autores tão diferentes, inclusive o texto bíblico, o que talvez remeta à diversidade de sua produção literária, que vai de poemas a contos de ficção científica³⁴.

Ao lado dessas redes textuais primolevianas, pode-se colocar o contexto editorial do pós-guerra italiano, uma vez que a primeira tentativa de Primo Levi de levar a um grande público sua experiência como prisioneiro, com a publicação de *É isto um homem?*, foi recusada pela própria editora Einaudi, que hoje detém os direitos de suas obras. O ‘diário’ de um químico sobre sua deportação foi recusado, e Levi só saberia anos mais tarde, em uma entrevista concedida por Giulio Einaudi, fundador da editora, que fora Natalia Ginzburg, escritora italiana, também de origem judaica, viúva de Leone Ginzburg (membro da Resistência morto em Roma pelos alemães em 1944), quem deu um parecer negativo sobre a publicação. Contudo, Natalia declarou que a recusa, que muitos afirmavam ter partido exclusivamente dela, foi uma decisão coletiva daqueles que eram responsáveis pelas publicações da editora:

Lembro-me que, além de mim, havia também lido Cesare Pavese, mas também outros, dos quais não me recordo. Pavese disse que talvez não fosse o momento certo para publicar *É isto um homem?*, mas não por censura hebraica, mas porque se perderia entre tantos outros livros de testemunho sobre o *Lager* que estavam saindo naquele tempo. Disse que era melhor esperar. Se fizemos mal é um outro discurso, mas, repito, não existiu nenhuma vontade de censura.³⁵

A lembrança do nazismo era ainda muito forte para ela, que tinha perdido o marido meses antes, e para todos que viveram a guerra, ainda que de modo indireto. Pois, de um lado, se havia da parte de Levi a necessidade fisiológica de compartilhar, de narrar a experiência, de

³³ “Non saprei dire [...]: in tempi diversi, mi sono sentito attratto da modelli disparati: Th. Mann, Manzoni, la Bibbia, A. Huxley, Hemingway, Conrad. Non so se debbo qualcosa a qualcuno o a tutti”. (tradução nossa). LEVI, 2018a, p. 47.

³⁴ Para uma melhor leitura acerca dos contos primolevianos e da ciência em sua escrita e formação, recomenda-se a leitura da tese: MACIERA, Aislán Camargo. **Primo Levi**: ciência, técnica e literatura. 2014. 270f. Tese (Doutorado em Letras – Língua, Literatura e Cultura Italianas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/uxBhgQ>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

³⁵ “Mi ricordo che, oltre a me, l’aveva letto Cesare Pavese, ma anche altri che ora non ricordo. Pavese disse che forse non era il momento adatto per fare uscire *Se questo è un uomo*, ma non per censura ebraica, ma perchè sarebbe andato disperso fra i tanti libri di testimonianze sui Lager che uscivano in quel tempo. Disse che era meglio aspettare. Se abbiamo fatto male è un altro discorso, ma ripeto, non ci fu nessuna volontà censoria”. (tradução nossa). ORENGO, Nico. Natalia Ginzburg: nessuno censurò a Primo Levi. **La Stampa**, Turim, 12 de junho de 1987, p. 3.

outro, havia também uma necessidade de ordem diversa: esquecer, e não recordar, aquele evento, aquele trauma da história do século XX. Assim,

Uma multiplicidade de fatores pode explicar as recusas das grandes casas editoriais: pesam as dificuldades econômicas do pós-guerra, que não encorajam a publicação de memórias desagradáveis e dolorosas, para as quais não se prevê um público numeroso; há, com toda certeza, um papel importante também a aglomeração de propostas memorialísticas.³⁶

A rememoração dessas lembranças e a insistência em falar sobre a guerra faziam com que aquela ferida ficasse ali, exposta, aberta, por isso, assim como houve a necessidade de narrá-la, houve também, por outro lado, um desejo de espaço, de silêncio, no qual essa dor pudesse ser amenizada, tranquilizada, sem um insistente relembrar. Isso, de certa forma, é um aspecto importante para a escolha das publicações das editoras italianas, que tinham receio de trazer à tona, ainda mais, todo esse sofrimento (tendo em vista a “aglomeração de propostas memorialísticas”, segundo Natalia). Todavia, o próprio autor demonstrou compreender a recusa da obra por parte da Einaudi, como afirma em uma entrevista à Giorgio De Rienzo: “havia ainda tantos problemas para resolver na Itália, como no resto de toda Europa; não havia lugar para os deportados e nem tanto desejo de ler seus contos”³⁷.

Após a negativa da Einaudi, Levi continuou tentando publicar seu romance, e em 1949 ele foi aceito por uma editora menor, a *Casa Editrice De Silva*, de Franco Antonicelli, outro nome importante da luta contra o fascismo:

Recusado por alguns grandes editores, o manuscrito foi aceito, em 1947, por uma pequena casa editorial, dirigida por Franco Antonicelli: foram impressas 2.500 cópias, depois a casa editorial se desintegrou e o livro caiu no esquecimento, até porque, naquele tempo áspero do pós-guerra, as pessoas não tinham muito desejo de retornar com a memória aos anos dolorosos apenas passados.³⁸

Mas, apesar da publicação imediata, foi somente em 1958, quando relançado em uma versão revisada pela Einaudi³⁹, que Primo Levi começou a ganhar reconhecimento por parte dos literatos e de um público de leitores mais amplo. Há de se enfatizar também que a

³⁶ “Una molteplicità di fattori può spiegare i rifiuti delle grandi case editrici: pesano le difficoltà economiche del dopoguerra, che non incoraggiano la pubblicazione di memorie sgradevoli e dolorose, per le quali non si prevede un pubblico numeroso; ha sicuramente un ruolo anche l’affollarsi delle proposte memorialistiche”. (tradução nossa). SCARPA, 2012, p. 760.

³⁷ “C’erano ancora tanti problemi da risolvere in Italia, come del resto in tutta l’Europa: non c’era molto posto per i deportati e neanche tanta voglia di leggere i loro racconti”. (tradução nossa). LEVI, 2018a, p. 123.

³⁸ “Rifiutato da alcuni grossi editori, il manoscritto è stato accettato nel 1947 da una piccola casa editrice, diretta da Franco Antonicelli: si stamparono 2500 copie, poi la casa editrice si sciolse e il libro cadde nell’oblio, anche perché, in quel tempo di aspro dopoguerra, la gente non aveva molto desiderio di ritornare con la memoria agli anni dolorosi appena terminati. [...]”. LEVI, Primo. **Se questo è un uomo**. Torino: Einaudi, 2011b, p. 157.

³⁹ Faz-se importante ressaltar que todas as traduções de **Se questo è un uomo?** para outras línguas foram feitas a partir da edição da Editora Einaudi, de 1958.

publicação tardia de *É isto um homem?* pela Einaudi não é um caso isolado: pois foi somente em 1954 que a mesma editora publicou *Il diario di Anne Frank*, e *La specie umana, Il razzismo e o sterminio degli ebrei* em 1958, entre outros livros que tratavam de temática semelhante. Assim, podemos perceber que a obra de Levi não estava à margem do cenário editorial italiano do período, mas sua publicação fez parte de um contexto do pós-guerra que acabou contagiando todo o mercado editorial do país e, por consequência, os livros que estavam sendo escritos e publicados.

Outro aspecto relevante é o fato de Levi possuir uma vasta produção literária. Seus escritos iniciam por narrativas sobre a guerra, com os volumes *Se questo è un uomo?* (1947) e *La tregua* (1963), passando aos livros de ficção, *Storie naturali* (1966), em que utiliza o pseudônimo de Damiano Malabaila, *Vizio di forma e Lilit e altri racconti*, ambos de 1971, *Il Sistema periodico* (1975) e *La chiave a stella* (1978). Em seguida, em 1981, publica uma antologia pessoal, intitulada *La ricerca delle radici*; e em 1982, o romance *Se non ora quando?*. Em 1984, publica *Ad ora incerta*, livro que reúne todos os seus poemas; e em 1985, *L'altrui mestiere*. Publica também, no ano seguinte, *I sommersi e i salvati*, um ensaio bastante reflexivo, que traz questionamentos e revive sua experiência em Auschwitz. Postumamente, em 2000, é publicado *L'ultimo natale di Guerra*.

Perpassando, desse modo, pela narrativa, poesia, ensaística e ficção científica, Levi publicou diversas obras, que, apesar de se distanciarem da temática, vão sempre carregar resquícios da guerra. Auschwitz estará sempre presente em seus escritos, ainda que de modo implícito, e sua experiência retornará até o fim de seus dias, como explicita Maurício Santana Dias:

[...] guardadas as devidas proporções, é como se a aberração do *Lager*, com sua lógica peculiar e implacável, houvesse de algum modo se expandido para a própria esfera da vida cotidiana, e a destruição total passasse a fazer parte do dia-a-dia, se naturalizasse, por assim dizer.⁴⁰

Foi, então, pensando nisso, que se escolheu como *corpus* para pensar a relação entre o homem e o trabalho, duas obras, que apesar de serem publicadas em momentos bastante distantes, não deixam de apontar direta ou indiretamente para o vivido da Guerra: *É isto um homem?* e *A chave estrela*. Assim, pretende-se pensar, no segundo capítulo deste trabalho, como é apresentado e desenvolvido o tema, a partir de ambas as obras e da análise de trechos

⁴⁰ DIAS, Maurício Santana. Primo Levi e o Zoológico Humano. In: LEVI, Primo. LEVI, Primo. **71 Contos de Primo Levi**. Tradução: Maurício Santana Dias. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2005, p. 16-17.

selecionados, considerando que cada obra possui suas particularidades e diferentes perspectivas sobre o trabalho.

3 O TRABALHO QUE DES/HUMANIZA

“*Appunto è un lavoro destino il mio, è un lavoro condizione umana.*”
(Primo Levi – *Conversazioni con Primo Levi*)

As lembranças e o que elas provocaram após o término da prisão no campo de concentração são elementos que certamente deixaram cicatrizes em Primo Levi. De fato, como colocado no capítulo anterior, apesar de sua vasta produção literária (romances, artigos, ficções científicas, poemas), é possível perceber um retorno na sua escrita a essa vivência e a todas as indagações e pensamentos que ela coloca em ação, uma vez que se trata de uma experiência da esfera do indelével. O trauma da guerra e essa experiência-limite deixam marcas que nem mesmo o tempo, com seu poder avassalador, poderá cancelar. É, portanto, nesse sentido que agora propomos o diálogo crítico entre duas obras de Levi, *É isto um homem?* e *A chave estrela*. A primeira publicada na Itália em 1947; e a segunda, 30 anos mais tarde, em 1978⁴¹. Embora haja esse grande intervalo de tempo entre as publicações em língua italiana, ambas se aproximam pelo eixo aqui a ser explorado: a relação entre o homem e o trabalho.

Partindo então das duas leituras, pensaremos como é apresentada e se desenvolve esta relação: o trabalho como ato criativo e também como ato restritivo, este último a partir do caso dos campos de concentração nazistas. Nessa perspectiva, entendemos que as visões de trabalho presentes nos dois romances são complementares, pois trazem aspectos bastante diferentes, mas que de certa maneira acabam se tocando. Em *É isto um homem?*, narrativa-diário em que Levi conta sua experiência em Auschwitz, o trabalho descrito é fruto de tal contexto. Em outras palavras, é um trabalho forçado, em um espaço demarcado por cercas de arame farpado e por uma vigilância extrema, limitando o trabalhador/prisioneiro àquele ambiente e fazendo com que tenha uma rotina extenuante, alienadora. O termo trabalho aqui se refere às incontáveis repetições, excluindo a possibilidade de qualquer tipo de reflexão sobre a própria ação, pois não havia tempo nem condições para isso. Ademais, é uma força motriz que serve aos outros, e não a quem o desempenha, tornando-se uma forma de sobrevivência física, pois enquanto se trabalha se está vivo, ou melhor, não se está morto. Por outro lado, apesar de Primo Levi manter-se vivo, sua capacidade cognitiva e suas subjetividades seguem o ritmo num movimento de dissipação, através das etapas de aniquilação do homem de que nos fala Izidoro Blikstein no

⁴¹ Ano em que Levi já estava aposentado de sua carreira como químico e passa a se dedicar exclusivamente à escrita, aspecto interessante, uma vez que em *A chave estrela*, o autor, de certa forma, recupera seu trabalho como químico por meio da escrita.

seguinte fragmento, retirado de seu texto *Primo Levi: a semiótica do aniquilamento em Auschwitz*:

Com tal enfoque semiótico, Primo Levi consegue demonstrar que a política de extermínio praticada pelo nazismo deu-se antes das câmeras de gás e dos fornos crematórios: a “originalidade” do nazismo (para usar a expressão do historiador Hilberd) foi a de, antes de tudo, ilustrou Primo Levi, na destruição da verdade interna do indivíduo a partir da destruição das representações sógnicas externas. Tratou-se, na verdade, de uma desconstrução semiótica do corpo, nas suas três dimensões: a fala, a cinésica e a proxêmica.⁴²

A aniquilação do homem em Auschwitz, portanto, deu-se a partir de algumas etapas, tais como as seleções de quem estava apto ou não para trabalhar como mão de obra escrava, o corte dos cabelos e o número tatuado no braço, que representava o nome de cada ser humano que estava ali, ou ainda o processo de retirada das roupas e pertences que se relacionavam diretamente ao trabalho, à rotina extenuante do Campo e suas regras e rituais aniquiladores – aniquiladores não somente da força física e do corpo, mas da própria “verdade interna do indivíduo”, como bem aponta Blikstein. Desse modo, o trabalho praticado pela maioria dos prisioneiros judeus em *É isto um homem?* não poderia ser outro, a não ser restritivo e desumanizador:

E ainda não falamos do trabalho, que por sua vez é um emaranhado de leis, tabus e problemas. Trabalhamos todos, com exceção dos doentes (e fazer-se reconhecer como doente exige por si só uma ampla bagagem de conhecimentos e experiências). Cada manhã saímos do Campo em formação, dirigidos à fábrica; cada noite, em formação, voltamos. Quanto ao trabalho, estamos divididos em perto de duzentos *Kommandos*, cada um com um mínimo de 15 homens e um máximo de 150, comandado por um *Kapo*. Há *Kommandos* bons e ruins; a maioria deles é destinada aos transportes, e o trabalho é duro, principalmente no inverno, já que é feito ao ar livre. [...] Um domingo em cada dois é dia normal de trabalho, e, nos domingos de folga, em vez de trabalhar na fábrica trabalha-se em geral, na manutenção do Campo, de modo que os dias de verdadeiro descanso são raríssimos. Esta será, então, a nossa vida. Cada dia, conforme o ritmo fixado, Ausrucken e Einrucken, sair e voltar; trabalhar, dormir e comer; adoecer, sarar ou morrer.⁴³

As repetições, a rotina cansativa e extenuante (sair e voltar, trabalhar, dormir e comer, adoecer, sarar ou morrer) de um contexto em que o trabalho era forçado e a mão de obra escrava não deixavam espaço para reflexões, para o descanso. No *Lager*, não havia condição para o prisioneiro pensar, pois a fadiga e a impossibilidade de comunicação era também uma forma de violência, de se acabar, aos poucos, com o que restava de humanidade: “quando se trabalha,

⁴² BLIKSTEIN, Izidoro. Primo Levi: a semiótica do aniquilamento em Auschwitz. **Revista de Italianística** [online], São Paulo, Ano IV, n. 4, 1996, p. 143-144. Disponível em: <<https://goo.gl/qquReU>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

⁴³ LEVI, 2000, p. 45-47.

se sofre, não há tempo de pensar; nossos lares são menos que uma lembrança”⁴⁴. O ritmo, o vai e vem de corpos automatizados, duros, gélidos, tomados de dor, não permitia sentimentos, reflexão e ações próprios do humano. Os prisioneiros sobreviviam apenas como engrenagens de um sistema aniquilador maior e se tornavam não homens com o passar dos dias, eram como produtos fabricados em série:

Empurro vagões, trabalho com a pá, desfaleço na chuva, tremo no vento; mesmo meu corpo já não é meu; meu ventre está inchado, meus membros ressequidos, meu rosto túmido de manhã e chupado à noite; alguns de nós têm a pele amarelada, outros cinzenta; quando não nos vemos durante três ou quatro dias, custamos a reconhecer-nos.⁴⁵

A degradação de todo e qualquer traço humano era parte do processo de anulação do outro dentro do perímetro do Campo.

Por outro lado, o romance *A chave Estrela*, 30 anos depois, também traz como um dos elementos protagonistas o trabalho, que agora é visto por um outro prisma. A obra é composta por uma série de pequenas narrativas (como acontece com o primeiro romance) que dão forma ao texto. O enredo é construído a partir do olhar do personagem, um químico que é o narrador e relata as histórias e aventuras contadas a ele por Tino Faussonne, jovem montador italiano que vê em seu trabalho uma razão para viver. A narrativa se constitui, portanto, em sua maior parte, por discursos diretos entre os dois personagens, possuindo uma linguagem bastante peculiar, visto que a língua de Faussonne é bastante técnica e envolve suas vivências no mundo da engenharia, o que faz com que a narrativa tenha de acompanhar e retratar seu modo de expressão:

Com leveza e ironia Levi soube juntar em seu romance o perfil de um personagem inesquecível, espelho de uma civilização, trabalhadora, moderna e um pouco cinza, aquela piemontesa, e uma exaltação do trabalho vivido não como alienação, mas como um meio de enobrecimento do homem [...].⁴⁶

O protagonista, então, representa o trabalhador e, segundo o próprio autor, é “um condensado de trinta anos de encontros nas fábricas e pelo mundo”⁴⁷. Desse modo, Levi aponta para uma certa concretude de Faussonne, sendo o personagem um condensado dos trabalhadores que perpassaram pela vida do escritor. Outro aspecto interessante é a língua utilizada no livro, pois Levi faz uso de muitos termos técnicos, empregando uma linguagem muito próxima da

⁴⁴ LEVI, 2000, p. 77.

⁴⁵ Ibid., p. 48.

⁴⁶ “Con levità e ironia Levi ha saputo fondere nel suo romanzo il profilo di un personaggio indimenticabile, specchio di una civiltà, laboriosa, moderna e un po’ grigia, quella piemontese, e un’esaltazione del lavoro vissuto non come alienazione ma come mezzo di nobilitazione per l’uomo [...]”. (tradução nossa). Id., 2018a, p. 129.

⁴⁷ “Un condensato di trent’anni di incontri in fabbrica e per il mondo”. (tradução nossa). LEVI, 2018a, p. 130.

realidade de um trabalhador como Faussone. Há de se considerar, mais uma vez, o ofício do escritor como químico, o que também contribui para a formação da linguagem do protagonista, sempre bastante técnica e objetiva:

Cavando, pois, do grande bloco de detalhes técnicos que ele não muito ordenadamente me forneceu, delineou-se a silhueta de uma ponte longa e delgada, sustentada por cinco torres feitas de caixas de aço e pendurada em quatro festões de cabo de aço. Cada festão tinha cento e setenta metros de comprimento, e cada um dos dois cabos era constituído de uma monstruosa trança de onze mil fios com cinco milímetros de diâmetro.⁴⁸

No trecho acima, saltam aos olhos do leitor, as palavras do mundo da engenharia que são utilizadas por Faussone. Com um léxico bastante específico, Levi dá conta de representar o protagonista, inclusive por meio da linguagem. Em uma entrevista, é o próprio autor a sublinhar essa sua busca por uma aproximação entre ficção e realidade, entre a língua de um personagem inventado e a língua dos trabalhadores com os quais Levi conviveu:

[...] Com *A chave estrela* a minha marcha de aproximação à invenção fez um salto. É um livro desse gênero, no qual eu empurrei deliberadamente ao extremo a *mimesis* da linguagem falada pelo protagonista, tanto a induzir ao engano muitos leitores que o confundiram com uma pessoa de carne e osso; o que não é, pois é sim “inventado”, é um conglomerado de vários indivíduos que conheci, com os quais trabalhei quando era químico, e aos quais aconteceram muitas aventuras de canteiros de obra que atribuí à figura central de Tino Faussone: que é, portanto, imaginário somente em partes⁴⁹.

Nas palavras de Levi, é possível perceber o próprio desejo do escritor em tornar o personagem quase real e *immaginario solo in parte*. E, mais do que isso, há uma inter-relação entre ficção e realidade, para retomar a citação de Jacques Rancière no primeiro capítulo deste trabalho⁵⁰, quando afirma que “o real precisa ser ficcionalizado para ser pensado”⁵¹. O vivido de Levi é transformado por ele e transportado ao nível da ficção, para que, de certa maneira, seja possível pensar e refletir sobre, fazendo de sua escrita um espaço de memória contra o esquecimento e, acima de tudo, como uma forma de escavação, como um meio de questionamento. Há uma necessidade de ‘sair’ da realidade e da factualidade para passar ao plano da imagem. Assim, procurando uma *mimesis* da linguagem falada pelo protagonista, o

⁴⁸ LEVI, Primo. **A chave estrela**. Tradução: Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

⁴⁹ “[...] *Con La chiave a stella la mia marcia di avvicinamento all’invenzione fa un’altra tappa. È un libro di suo genere, in cui ho spinto deliberatamente all’estremo la mimesi del linguaggio parlato dal protagonista, tanto da indurre in inganno molti lettori che lo hanno scambiato per una persona di carne; tale non è, è bensì “inventato”, ma è un conglomerato di vari individui che ho conosciuto, con cui ho lavorato quando ero chimico, ed a cui sono successe le avventure di cantiere che ho tutte attribuite alla figura centrale di Tino Faussone: che è dunque immaginario solo in parte.*” (tradução nossa). Id., 2000, p. 321-322.

⁵⁰ Cf. página 19 deste trabalho.

⁵¹ RANCIÈRE, 2005, p. 58.

autor dá vida a um personagem quase de carne e osso, mas que é fruto do relato de várias pessoas com quem se encontrara durante sua vida. O livro é dividido em 14 capítulos, que se entrelaçam através do modo como as histórias são narradas. A partir dos diálogos, o protagonista ou o narrador anunciam temas dos capítulos posteriores e recuperam experiências já narradas anteriormente. Desse modo, apesar de serem histórias independentes, o romance pertence a uma *cornice* em comum, que é sempre retomada através do tema principal: o trabalho.

Faussone viaja pelo mundo através de sua função de montador, e outro aspecto interessante é o fato de seu próprio nome se relacionar com o fascismo e com o período da Segunda Guerra Mundial na Itália, quando explica:

Faussone retomou: “O senhor sabe qual é meu nome de batismo? Tino, como tantos outros: mas o meu Tino quer dizer Libertino. Na verdade, quando meu pai foi me registrar, queria me chamar de Libero, e o prefeito, embora fosse fascista, era amigo dele e estava de acordo, mas com o secretário municipal não teve jeito.”⁵²

Assim, Levi, apesar de criar um personagem fictício, cria relações bastante diretas com o contexto em que viveu durante a guerra. Outro elemento interessante é o próprio trabalho de Faussone, cuja rotina é bastante flexível e inclui mudanças e deslocamentos. Além disso, envolve também a construção de ‘algo maior’, como pontes e edifícios, que são palpáveis, visíveis ao ser humano e dão ao trabalhador um reconhecimento pela própria obra produzida, resultando assim em realizações da esfera pessoal e de criações/invenções que partem do subjetivo do indivíduo que as cria. Como reflexo também deste tipo de ofício, Faussone veste uma roupa especial, a fim de se proteger, o que evidencia um cuidado com o trabalhador, que é um sujeito que tem poder de escolha e vê em seu trabalho algo positivo, até uma esfera de amor, no sentido mais puro da palavra: “para mim, cada trabalho que começo é como um primeiro amor”⁵³.

Entretanto, apesar de ser um trabalho mais positivo, Faussone é ainda uma exceção dentro deste mundo do *labor*:

Bem, um dia notei que, atravessando a mancha, havia uma fresta, e uma procissão de formigas que entrava e saía dali. Fiquei curioso com aquilo, bati com uma pedra e percebi que o som era cavo. Bati mais forte, e o cimento, que tinha apenas um dedo de espessura, afundou; e dentro havia uma cabeça de morto. Tive a sensação de receber um tiro nos olhos, tanto que perdi o equilíbrio, mas estava bem ali e me olhava.⁵⁴

⁵² LEVI, 2009, p. 92.

⁵³ Ibid., p. 48.

⁵⁴ Ibid., 114.

Nesse fragmento, o protagonista está contando ao narrador o momento em que se deparou com uma mancha escura no mar, que na realidade era um trabalhador morto flutuando na água. Essa passagem, que está no capítulo *A água e o vinho*, mostra um ângulo oposto ao trabalho de Faussone, ao denunciar um trabalho exaustivo, que, como no Campo, também mata e causa a destruição do corpo.

Desse modo, *É isto um homem?*, por um lado, coloca em relevo o homem a partir da experiência limite de Auschwitz e traz um trabalho aniquilador de todos os traços do humano, seja pelas péssimas condições de higiene dadas aos prisioneiros, seja pelos apagamentos de suas subjetividades e individualidades, pois agora eram apenas números tatuados, ou ainda pelo trabalho-escravo extenuante, que executavam expostos ao frio, à neve, ao calor, famintos, fracos e humilhados. Em *A chave estrela*, por outro lado, o autor apresenta, com Faussone, uma outra face do trabalho, certamente menos extenuante e mais positiva e criativa (e que fazia parte de uma exceção):

Exatamente isto, eu quis dizer com meu livro: aprender um ofício, um apenas, mas que seja especializado pode ser motivo de vida, de experiência humana, às vezes também de salvação. De salvação, sim: eu, por exemplo, estou vivo somente porque em Auschwitz havia um ofício em mãos. Do *Lager* se salvaram aqueles que sabiam fazer algum trabalho, não importa qual: químicos como eu, ou cozinheiros, ou médicos. Os “genéricos” não resistiram.⁵⁵

O trabalho em *A chave estrela* é como um motivo de alegrias, de realização para o homem. Talvez por ter vivenciado e visto de perto as diferentes condições do *labor*, nesta obra, escrita anos depois da experiência do trauma, o escritor traz para suas páginas um trabalho que é capaz de dignificar o homem, de fazê-lo conquistar e alcançar objetivos, ao mesmo tempo em que o humaniza. Outro aspecto que talvez tenha contribuído para que Levi pensasse nisso foi o fato de, sob certo aspecto, ter sido salvo por sua profissão como químico de algumas condições do Campo que poderiam tê-lo condenado sem retorno, como explicita no trecho citado acima: “de salvação, sim: eu, por exemplo, estou vivo somente porque em Auschwitz havia um ofício em mãos”. Por ter trabalhado como químico em um certo período em que foi prisioneiro, Levi possuía alguns pequenos privilégios, que são reconhecidos no seguinte fragmento:

Dentro do campo, à noite e de manhã, nada me diferencia do rebanho, mas durante o dia, no trabalho, estou abrigado e quente, ninguém bate em mim, roubo e vendo sabão e gasolina sem correr muitos riscos; talvez consiga um vale para sapatos de couro. E ainda, será que isto é trabalho? Trabalhar

⁵⁵ “*Proprio questo volevo dire col mio libro: imparare un mestiere, uno solo ma specializzato può essere motivo di vita, di esperienza umana, a volte anche di salvezza. Di salvezza, sì: io, per esempio, sono vivo solo perché ad Auschwitz avevo un mestiere in mano. Dal Lager si sono salvati quelli che sapevano fare un lavoro, non importa quale: chimici come me, o cuochi, o medici. I ‘generici’ non hanno retto*”. (tradução nossa). Id., 2018, p. 152.

significa empurrar vagões, carregar caibros, rachar pedras, remover terra com a pá, apertar nas mãos nuas o arripio do ferro gelado. Mas eu estou sentado o dia todo, tenho caderno e lápis, deram-me até um livro para refrescar a memória quanto aos métodos analíticos. Tenho uma gaveta onde guardar bonés e luvas; para sair, basta que avise Herr Stawinoga, que nunca diz que não e não reclama se me demoro. [...] Os companheiros do *Kommando* me invejam e com razão: acaso eu não deveria considerar-me feliz?⁵⁶

Nessa passagem, a consciência do autor fica bastante evidente. Levi, narrador-personagem, percebe os privilégios que alcança no momento em que passa do trabalho exaustivo na fábrica de borracha à função de químico no *Lager* e vê em seu novo trabalho um ponto importante, que contribuiu para a sua sobrevivência. Por isso, enfatiza sua importância, inclusive como algo bom, ao reconhecer que um ofício pode ser prazeroso, e não somente exaustivo e alienador. Em uma das passagens do livro, Levi relata:

Tenho no bolso um tíquete do Serviço do Trabalho, onde está escrito que o *Haftling* 174.517, na qualidade de operário especializado, tem direito a camisa e ceroulas novas e deve fazer a barba cada quarta-feira.⁵⁷

São pequenos atos como esses, de ter direito a camisa e ceroulas novas ou ainda de fazer a barba, que são percebidos pelo escritor como privilégios proporcionados pelo novo trabalho como químico no laboratório do Campo. Atos que o humanizavam e o lembravam de que era homem, e não apenas uma engrenagem do sistema aniquilador nazista. Nesse sentido, é importante lembrarmos do momento em que Levi e seus dois companheiros, também químicos, entram pela primeira vez no laboratório do *Lager*:

Entramos no laboratório assustados, desconfiados e atrapalhados como três bichos do mato entrando na cidade. Como o piso é liso e limpo! Este laboratório é absurdamente parecido com qualquer outro laboratório. Três longos balcões de trabalho, carregados com centenas de objetos familiares. A vidraçaria gotejando num canto, a balança analítica, uma estufa Heraeus, um termostato Hoppler. O cheiro é como uma chicotada que me faz sobressaltar: o leve cheiro aromático dos laboratórios de química orgânica. Reaparece por um instante, evocado com violência brutal e logo desvanecido, o salão escuro da universidade, o quarto ano, o ar tépido do mês de maio na Itália.⁵⁸

O espanto de Levi ao ver o piso liso e limpo evidencia o contraste entre a realidade vivida pelos prisioneiros do Campo, que já haviam se acostumado com a falta de higiene, e a do laboratório de química – também dentro do campo –, que representava, naquele momento, um resquício de humanidade. O cheiro que evoca no autor a memória de sua universidade é

⁵⁶ LEVI, 2000, p. 207-208.

⁵⁷ *Ibid.*, p. 203.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 204-205.

também interessante para se pensar no afeto despertado por esse momento, em que Levi se depara com um outro contexto dentro daquele espaço cruel.

Desse modo, é possível perceber uma certa pluralidade de trabalhos dentro do *Lager*: o trabalho-escravo-desumanizador dos prisioneiros comuns, e o trabalho de químico, experienciado por Levi e por alguns de seus companheiros, meses depois de suas chegadas ao Campo. Assim, ao olharmos para a relevância do trabalho, faz-se interessante atentar ao olhar do protagonista Faussone a respeito deste tema, pois, assim como Levi, ele acredita no trabalho criativo para a realização dos homens, o que é destacado em sua fala no capítulo *A Dupla Cônica*:

[...] o termo “liberdade” tem notoriamente muitos sentidos, mas talvez o tipo de liberdade mais acessível, mais degustado subjetivamente e mais útil ao consórcio humano coincida com o fato de o indivíduo ser competente no próprio trabalho e, portanto, de sentir prazer ao executá-lo.⁵⁹

A competência e o prazer estão intimamente relacionados, e Faussone é prova disso. Em *A chave estrela*, com a figura de Faussone, então, o trabalho se apresenta como redentor e libertador, visto que é um trabalho criativo, que permite ao protagonista ter sua independência e com ela usufruir das possibilidades dadas pela liberdade humana. Além disso, destaca também o prazer sentido por meio do trabalho, elemento importante tanto em Faussone, que ama seu trabalho, quanto, em certa medida, no ofício de químico exercido por Levi no laboratório do *Lager*, quando passou a trabalhar em melhores condições. Nesse sentido, segundo Emanuelle Caon, em seu texto *Il corpo in due anime: La chiave a stella tra finzione, testimonianza e antropologia*:

Levi, com *A chave estrela*, queria propor uma representação do trabalho que rompesse a dicotomia “trabalho que enobrece de um lado, e trabalho que é pena de outro”, fazendo-o de uma forma a uma visão de trabalho e uma sensibilidade que interseccionavam uma transformação a qual deveria sentir, mas não poderia prever as consequências. [...] Isso que se verifica nos anos oitenta é uma reconfiguração industrial para endereçar o desejo de autonomia e a relação antropológica entre o homem e o trabalho à auto-exploração e ao abandono da esfera política.⁶⁰

⁵⁹ LEVI, 2009, p. 161.

⁶⁰ “Levi con La chiave a stella voleva proporre una rappresentazione del lavoro che rompesse la dicotomia ‘lavoro che nobilita da una parte e del lavoro che è pena dell’altra’, facendolo ha messo in forma una visione del lavoro e una sensibilità che intersecavano un cambiamento di cui doveva aver sentore, ma che non poteva prevedere nelle sue conseguenze. [...] Ciò che si verifica negli anni Ottanta è una riconfigurazione industriale in grado di indirizzare il desiderio di autonomia e il legame antropologico tra uomo e lavoro verso l’autofruittamento e l’abbandono della sfera politica”. CAON, Emanuele. Il corpo in due anime: La chiave a stella tra finzione, testimonianza e antropologia. **Ticentre**. Teoria Testo Traduzione [online], Trento (Itália), n. 6, nov. 2016, p. 59. Disponível em: <<https://goo.gl/Eqx1vB>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

Nesse trecho, o autor evidencia o trabalho criativo, trazido na obra por Levi como uma maneira de construção e humanização, para além do “trabalho que enobrece de um lado, e trabalho que é pena de outro”, paradoxo este já presente em *É isto um homem?*, quando apresenta o trabalho aniquilador, vivido pelos prisioneiros, e o de químico, quando o autor vai trabalhar no laboratório. Ademais, faz-se importante ter em mente que a questão humanizadora do *labor* estava também em voga nos anos 80, na península Itálica, período em que se buscava uma maior autonomia do trabalhador após o *boom* econômico italiano. O *boom* italiano foi um momento de grande crescimento para o país, que passava por um processo de urbanização e modernização. Os fluxos migratórios passavam do Sul ao Norte da Itália (região que já estava mais desenvolvida, embora esse termo não seja consenso entre os pesquisadores), e do interior, das *campagne*, para os grandes centros urbanos. A população ia em busca de melhores condições de vida, de empregos e, por isso, migrava para outras cidades ou até mesmo para outros países.

Além da perspectiva do *boom* econômico trazida por Emanuelle Caon, o trabalho libertador pode ser pensado também a partir de um dos primeiros trechos de *É isto um homem?*:

A viagem levou uns vinte minutos. O caminhão parou; via-se um grande portão e, em cima do portão, uma frase bem iluminada (suja lembrança que ainda hoje me atormenta nos sonhos): ARBEIT MACHT FREI – o trabalho liberta.⁶¹

O letreiro⁶², mundialmente conhecido, pendurado no portão de entrada de Auschwitz, alude à libertação que se alcançaria por meio do trabalho, o que, na realidade, demonstra um grande tom de ironia por parte dos nazistas, uma vez que, como já dito, o *labor* era uma das formas de aniquilação humana dentro do *Lager*. Contudo, era ao mesmo tempo uma salvação, pois o trabalho de Levi no laboratório de química dentro do Campo contribuiu para que ele sobrevivesse. Outro aspecto a ser pensado é que o trabalho dos prisioneiros, ainda que mortificante, era o que os salvava naquele ambiente, pois enquanto trabalhavam eram úteis para os nazistas, e por isso não foram levados às câmeras de gás. Ademais, a libertação trazida pelo letreiro poderia ser também a própria morte, uma vez que com ela os prisioneiros estariam libertos daquele contexto.

Em *A chave estrela*, entretanto, Faussone vai em direção outra, ao real significado do letreiro no Campo, pois “a paródia desumana do trabalho no campo de concentração, o trabalho-castigo-morte, que conduz a um fim terrível e sem retorno, é desfeito e o que se tem é a visão

⁶¹ LEVI, 2000, p. 25.

⁶² Em dezembro de 2009, tal letreiro, em ferro fundido, de cinco metros, com a inscrição *Arbeit Macht Frei* (O trabalho ‘liberta’), foi furtado do portão de Auschwitz e encontrado poucos dias depois.

do trabalho que traz de volta e reafirma a vida”⁶³. O protagonista nutre esperança, vê no trabalho uma *chave* para a liberdade, para conhecer o novo, viver outras experiências: “[...] não, eu nunca me queixei do meu destino [...], porque fui eu mesmo que o escolhi: queria conhecer outros países, trabalhar com prazer e não me envergonhar do dinheiro que ganho, e tudo o que quis consegui”⁶⁴. Nesse trecho, o protagonista enfatiza suas escolhas; uma delas o seu trabalho de montador, que lhe possibilita viajar para muitos lugares, o que demonstra também uma das diferenças do trabalho apresentadas nas duas obras, uma vez que no *Lager* o destino dos prisioneiros (seja o trabalho escravo ou o de químico) era escolhido por outros, enquanto o de Faussone é escolhido por ele.

Desse modo, na narrativa temos Faussone, que apresenta um trabalho ‘humanizador’, capaz de proporcionar alegrias ao ser humano, ao passo que, na narrativa-diário de Auschwitz, Levi nos mostra outros trabalhos: de um lado, aquele que aniquila, que escraviza e que ele vivencia por muitos meses, e, de outro, o de químico no laboratório, que acaba se mostrando um *labor* mais humano, que lhe proporciona alguns benefícios. Contudo, apesar de Faussone vivenciar um trabalho de que gosta, que lhe proporciona alegrias, é o próprio personagem a tratar as pessoas que encontra de maneira preconceituosa, o que, de certo modo, remete à relação entre nazistas e judeus dentro do Campo. Esse aspecto fica bastante evidente em uma passagem de *A chave estrela*, logo no início, quando o protagonista se refere a uma garçonete que estava trabalhando:

A garçonete veio servir a portentosa porção de queijo que Faussone pedira; tinha uns quarenta anos, era magrinha e curvada, com cabelos lisos e oleosos por causa de algum produto, o rosto triste de cabra assustada. Olhou Faussone com insistência, e ele sustentou o olhar com ostensiva indiferença. Quando foi embora, me disse: “Parece o cão chupando manga, coitadinha. Mas fazer o quê? A cavalo dado não se olham os dentes.” Fez um gesto com a mandíbula em direção ao queijo e me perguntou com escasso entusiasmo se eu aceitava um pouco. Depois o atacou com avidez e, entre uma bocada e outra, retomou: “O senhor sabe, aqui, em matéria de garotas, é um fiasco. A cavalo dado não se olham os dentes. Dado pela fábrica, digo.”⁶⁵

A forma com que ele se refere à garçonete, tratando-a como um objeto, menosprezando-a e inferiorizando-a, fazia parte do tratamento dado aos judeus pelos nazistas. Portanto, embora exista, de fato, esse trabalho humanizador que tornava Faussone um homem realizado, é ele próprio, na relação com o outro, que desumaniza as outras pessoas. Isso evidencia a

⁶³ GUERINI, Andréia; PETERLE, Patricia. O trabalho: a chave para a liberdade. *Alea: estudos neolatinos* [online], Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, jan./jun. 2015, p. 190. Disponível em: <<https://goo.gl/vz8x1M>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

⁶⁴ LEVI, 2009, p. 33.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 14.

impossibilidade de se separar completamente os tipos de trabalho e de pessoas em ambas as narrativas, pois as relações pessoais e as ações, tanto de Faussone como no *Lager*, misturavam-se e contaminavam-se, estando sempre entre o bem e o mal.

Assim, Levi, ao considerar os diferentes tipos de trabalho no contexto do Campo e o trabalho libertador pelos olhos de Faussone, coloca-se no limiar que os diferencia. A força física e a dor eram parte do processo de uma possível sobrevivência no *Lager*, pois, ao mesmo tempo em que aniquilava e matava, muitas vezes, o trabalho também garantia a sobrevivência dos que estavam aptos para executá-lo ou dos que exerciam funções especializadas. Contudo, a força libertadora do trabalho observada em *A chave estrela* e no ofício de químico no *Lager* possibilita ao homem colocar-se diante do mundo e relacionar-se com ele:

[...] amar o próprio trabalho (o que, infelizmente é privilégio de poucos) constitui a melhor aproximação concreta da felicidade na terra: mas esta é uma verdade que não muitos conhecem. Essa interminável região, a região da lida, do batente, do ganha-pão, enfim, do trabalho cotidiano, é menos conhecida que a Antártida, e, por um triste e curioso fenômeno, quem mais fala dela, e com mais clamor, são justamente aqueles que menos a percorreram.⁶⁶

Enquanto aqui o trabalho é também uma forma de amor, em *É isto um homem?* o trabalho pode ser considerado uma verdadeira punição, no caso dos prisioneiros, que viviam aquela rotina dura e extenuante, como foi o caso de Levi antes de trabalhar no laboratório. De maneira inconsciente, dolorosa, os prisioneiros eram constrangidos a cumprir suas obrigações e, se não o fizessem, sofriam ainda mais:

Desde a manhã estamos fincados no barro, de pernas abertas, sem despegar os pés dos dois buracos que eles formaram no terreno pegajoso; balançando-nos nos quadris a cada movimento da pá. Eu estou na metade da escavação, Kraus e Clausner no fundo, Gounan acima de mim, no nível do chão. [...] Outros vão e vêm com carrinhos de mão e levam a terra quem sabe aonde, pouco importa, hoje o nosso mundo é este buraco na lama.⁶⁷

Nesse fragmento, é possível perceber as condições dos prisioneiros, que executam as tarefas sem compreender o sentido de tudo aquilo e sem receber o reconhecimento que tanto defende e exalta o protagonista de *A chave estrela*. Naquelas circunstâncias, não importava se o indivíduo estava executando bem o trabalho, se era competente ou não, talvez competente no sentido de cumprir as ordens, pois não lhes era permitido pensar. Os trabalhadores pertenciam apenas à engrenagem de algo maior, que era o Campo, mais um dos elementos que, juntos, colocavam em funcionamento a força motriz da máquina mortífera dos alemães. Como bem

⁶⁶ LEVI, 2009, p. 91.

⁶⁷ Id., 2000, p. 193.

nos lembra Faussone: “é possível e se deve lutar para que o fruto do trabalho permaneça nas mãos de quem o faz, para que o próprio trabalho não seja uma pena”⁶⁸. Isto não acontecia no *Lager*, pois o trabalho feito pelos prisioneiros servia aos alemães e não retornava a quem os fazia, uma vez que o objetivo era a produção de mão de obra e a possível morte – entendida, inclusive, como exclusão dos mais fracos e menos produtivos – daqueles que não aguentassem. As realizações, as conquistas e o reconhecimento sublinhados por Faussone não existiam, e também por isso o trabalho tornava-se uma pena.

O *labor* no Campo era, como já dito, um elemento de tortura, e o corpo seria descartado se não servisse mais para executá-lo: “a ordem do sistema moderno de produção compreende o corpo como uma instância descartável quando esse já não se encontra mais em condições de realização plena das tarefas de labor [...]”⁶⁹. Assim, o prisioneiro que se sentia no limite fazia de tudo para continuar ali, pois se percebessem que não era mais produtivo, era imediatamente enviado às Câmaras de Gás, para ser descartado como um simples objeto.

Há também outros elementos interessantes a serem considerados, que dizem respeito às condições de trabalho em ambos os livros. A *vida nua*, para retomar o termo utilizado por Giorgio Agamben, em um Estado de exceção, constringia seres humanos a se tornarem não humanos. Trabalhavam na terra, expostos à chuva, ao vento, à neve, ao calor. Imundos, sem ter acesso à água potável, a uma peça de roupa limpa e com sapatos de madeira, pelos quais, segundo Levi, começava a morte:

E não é de crer que os sapatos signifiquem pouco, na vida do Campo. A morte começa pelos sapatos. Eles se revelaram, para a maioria de nós, verdadeiros instrumentos de tortura que, após umas horas de marcha, criam feridas dolorosas, sujeitas à infecção na certa. A gente, então, caminha como se tivesse uma bola de ferro amarrada no pé [...]; sempre chega por último, e sempre apanha; se perseguido, não consegue fugir; seus pés incham, mais insuportável torna-se o atrito com a madeira e a lona dos sapatos.⁷⁰

Os sapatos, que causavam graves feridas e corroíam os pés, como ressalta Levi, eram uma verdadeira tortura e o pré-anúncio da morte. A alimentação escassa, quase vazia, um pedaço de pão duro e uma sopa sem gosto, enfraquecia os prisioneiros, que mal conseguiam aguentar-se de pé.

Desse modo, é importante notar que a condição de trabalhadores-escravos vivida no *Lager* era contrária à do protagonista de *A chave estrela*. Faussone trabalhava no ar, pendurado

⁶⁸ LEVI, 2009, p. 92.

⁶⁹ FELIX, José Carlos; SALVADORI, Juliana Cristina. A mortificação do corpo em É isto um homem? de Primo Levi. *Ilha do Desterro*[online], Florianópolis, v. 68, n. 3, 2015 p. 47. Disponível em: <<https://goo.gl/sTNpeC>>. Acesso em: 20 out. 2017.

⁷⁰ LEVI, 2000, p. 44-45.

em guindastes, construindo pontes, edifícios. Usava roupas especiais para o trabalho, tinha a sua disposição todas as condições de higiene básicas. Viajava, conhecia lugares e culturas diferentes por seu trabalho de montador, sublinhando o caráter libertador, de fato, e as boas condições do trabalho.

Outro aspecto interessante é que muitos judeus se submetiam a acordos com os alemães para conseguir pequenos privilégios dentro do Campo. É justamente sobre a colaboração entre judeus e alemães que Levi irá escrever em uma das partes de seu livro *I sommersi e i salvati*, publicado na Itália, em 1986. Levi dedica um capítulo para tratar da complexa rede de relações no interior dos campos de concentração nazistas, a qual ele denomina de *zona grigia*. Essa zona constituía o limiar entre as vítimas e os opressores. Faz-se importante salientar também que Levi prefere não ceder ao maniqueísmo e dividir o Campo em bem e mal, ou em vítimas e carrascos, pois a ideia do escritor é justamente a de que existem diversas *sfumature* de ambos os lados, e dividi-los assim seria limitar a análise e trazer a reflexão para a superfície:

[...] A classe híbrida dos prisioneiros-funcionários constitui a ossatura, e também o limite mais inquietante. É uma zona cinza, de contornos mal definidos, que ao mesmo tempo separa e une os dois campos de padrões e servos.⁷¹

Levi coloca em relevo as diversas vidas do Campo, que não podem ser vistas somente por um olhar que as separa e as coloca de um lado ou de outro. A vida em Auschwitz fazia parte de uma experiência-limite, em que vítimas se tornavam também opressoras, para conseguirem privilégios e sobreviverem àquela realidade. A colaboração entre judeus e alemães implicava roubar o pão do próprio companheiro, roubar-lhe os sapatos ou exercer funções como a de cortar os cabelos dos novos prisioneiros que chegavam ou ainda transportar os cadáveres dos prisioneiros das câmaras de gás para os fornos crematórios, com o objetivo de eliminar qualquer vestígio daquela atrocidade. Desse modo, os nazistas delegavam às próprias vítimas uma parte do trabalho indispensável ao funcionamento da indústria da morte, ao mesmo tempo que transferiam para elas o peso do crime.

O trabalho pertencente à *zona grigia* pode ser visto como pequenas ações feitas para alcançar privilégios e também como uma maneira de continuar sobrevivendo. Este trabalho era feito por meio acordos e alianças entre judeus e alemães, e pode ser considerado, de certa maneira, corrompido e não tão correto. Nesse contexto, os próprios prisioneiros, muitas vezes, não tinham consciência de que estavam se corrompendo para se manterem vivos naquele mundo

⁷¹ “[...] *La classe ibrida dei prigionieri-funzionari ne costituisce l’ossatura, ed insieme il lineamento più inquietante. È una zona grigia, dai contorni mal definiti, che insieme separa e congiunge i due campi dei padroni e dei servi*”. LEVI, Primo. **I sommersi e i salvati**. Torino: Einaudi, 2014, p. 29.

cruel: “já não existe vontade; cada pulsação torna-se contração reflexa dos músculos destruídos... Dez mil prisioneiros e uma única máquina cinzenta; estão programados, não pensam, não desejam. Apenas marcham”⁷². Esse fragmento demonstra a automatização em que estavam imersos, e, dentro desta lógica, cometer pequenos delitos fazia parte dos mecanismos de sobrevivência dentro do *Lager*. É o próprio Levi a dizer, nas primeiras páginas de *É isto um homem?*: “quinze dias depois da chegada [...], se vejo por aí uma colher, um barbante, um botão dos quais consiga tomar posse sem risco de punição, embolso-os, considero-os meus, de pleno direito”⁷³.

Desse modo, o limiar entre vítimas e opressores, entre bem e mal é pouco claro. O Campo funcionou como uma experiência aumentada da realidade fora dele, e as pessoas que lá estavam também faziam parte de um mundo que não pode ser dividido de modo maniqueísta, pois a *zona grigia* da qual nos fala Levi está presente em nossas vidas cotidianas, em pequenos acordos e ações feitos para obtermos privilégios. Assim, a obra *É isto um homem?* traz uma narrativa-diário daquilo que o homem foi capaz de fazer com o próprio homem, o que não deixa de se relacionar com os dias de hoje, em que vivemos situações que nos fazem lembrar de grandes traumas humanos como Auschwitz.

Ademais, a relação entre o homem e o trabalho apresentada nas obras, por meio do relato de um personagem-prisioneiro e da experiência edificante vivida por Faussone, de certa forma, tocam-se e dialogam. O trabalho que dignifica, que enobrece, é capaz de proporcionar prazer, amor, o que fica bastante evidente na vivência de Faussone, e de certa forma implícito nas passagens de *É isto um homem?*, quando Levi narra sobre o laboratório e seu ofício como químico dentro do *Lager*. Entretanto, há de se ter em mente que, apesar de se tocarem, são experiências diversas, frutos de diferentes contextos, apontando para a importância de se escrever sobre, justamente como fez Levi, 30 anos após o trauma, ao recuperar o trabalho e colocá-lo como um processo positivo, que existe ao lado dos trabalhos no Campo, vivenciados por ele. Se, de um lado, temos um livro de viagens, de outro, temos um livro de reclusão, e ambos dialogam através das temáticas da guerra e da relação entre o homem e o trabalho.

⁷² LEVI, 2000, p. 50.

⁷³ *Ibid.*, 2000, p. 35.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente estudo, tivemos o intuito de fazer uma leitura crítica transversal de duas obras do escritor italiano Primo Levi: *É isto um homem?*, de 1947, e *A chave estrela*, de 1978. Essa leitura foi proposta por meio da análise da relação entre o homem e o trabalho em ambas as obras, utilizando trechos selecionados que colaboraram para pensar esta relação a partir da questão e da noção de trabalho por elas tratada. Além disso, pretendemos contextualizar a literatura italiana do pós-guerra e trabalhar o contexto artístico italiano em que Levi estava inserido. Para isso, foram citados autores como Cesare Pavese, Beppe Fenoglio, Carlo Levi, Elio Vittorini, entre outros, que, assim como Levi, deram vida a narrativas escritas a partir de suas experiências na guerra.

Compreender esse momento, as questões literárias da época e ainda o próprio mercado editorial italiano que se configurou após a Segunda Guerra tornou possível entender as publicações literárias da época e a escrita de Levi, que se deu através da experiência-limite como prisioneiro em Auschwitz. O escritor procurou, por meio das palavras, compreender tal vivido e, por isso, escreveu sobre ele por toda sua vida, mesmo que de modo não tão explícito em algumas de suas obras, como, por exemplo, seus contos de ficção científica. Perceber e pensar a escrita primoleviana é estar entre o vivido e o ficcionalizado, é ter sempre em mente a experiência-limite do *Lager* e todas as suas implicações.

A relação que se demonstrou aqui foi pensada a partir de três experiências do autor: o trabalho forçado e exaustivo no campo de concentração, o trabalho no laboratório do *Lager* e ainda seu ofício de químico fora daquele contexto. Em Auschwitz, Levi presenciou o trabalho escravo, forçado, que desumaniza e transforma homens em não homens, mas ali também trabalhou como químico, o que lhe possibilitou olhar o trabalho por diferentes perspectivas. Em sua profissão como químico e por meio de suas vivências como trabalhador fora daquele espaço, teve contato com um trabalho outro, aquele que enobrece, que dignifica. É interessante, assim, pensar a relação entre o homem e o trabalho entre as duas obras do autor, que, escritas em momentos diferentes, refletem seu pensamento e trazem para as páginas diferentes aspectos do trabalho, que, apesar de avessos, cruzam-se. O trabalho no laboratório do *Lager* se aproxima de certa forma ao de Faussone. Em ambos os contextos, os personagens exercem ofícios de que gostam, que lhes despertam prazer.

A leitura dessas duas obras torna possível entender, de certa maneira, o amadurecimento do escritor, ao publicar, 30 anos depois de sua estreia na literatura italiana, um livro-homenagem ao trabalho, que apresenta uma face que o humaniza, mas que ao mesmo tempo

não deixa de apresentar também o lado desumanizador do trabalho. Além disso, ressalta-se também a importância da memória e do lembrar de traumas da história (des)humana. A guerra invade o ser humano em todas as suas possibilidades, aniquilando-o e deixando-lhe marcas indeléveis. Com um efeito tão devastador, não é possível sair dela, como nos lembra o poeta italiano Giorgio Caproni em seu famoso verso “*guerra penetrata nell’ossa*”⁷⁴. Ela, de fato, penetra no ser humano, em seu sentido mais forte, e a experiência de Levi, tampouco sua escrita, não pode dissociar-se disso.

Recentemente, em 9 de outubro de 2018, o apresentador Pedro Bial recebeu em seu programa o único brasileiro sobrevivente de Auschwitz. Questionado por Bial se é possível esquecer, Andor Stern respondeu: “sou casado há 65 anos. Minha mulher diz que eu não consegui sair de lá, que eu ainda vivo lá. Não sei se é verdade, mas não dá para esquecer”⁷⁵. Um trauma como esse resta para sempre, penetra, “é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa”⁷⁶.

A memória do trauma, assim, perpassa a questão colocada neste estudo: a relação entre o homem e o trabalho. Tal relação é apresentada por olhares aparentemente opostos, nas obras *É isto um homem?* e *A chave estrela*, mas, de certa maneira, que dialogam entre si, ao proporem uma reflexão acerca da própria trajetória de Levi e de sua escrita. O autor, que vivenciou o trabalho aniquilador, mostra, através do personagem Faussonne, a importância de um trabalho que seja amor, que humanize, contraposto ao *labor* extenuante do *Lager*. E, ao mesmo tempo em que escreve uma obra de ficção, não deixa de tomar as contas do vivido, sempre o trazendo à tona. A memória de tempos sombrios chega a seus leitores, seja pelo testemunho-diário, seja pelo protagonista Faussonne, fazendo com que seja cultivada e recuperada pelas futuras gerações.

⁷⁴ CAPRONI, Giorgio. **Tutte le poesie**. Milano: Garzanti, 1999, p. 2013.

⁷⁵ ANDOR Stern, sobrevivente do Holocausto, conta sua história. Entrevista com Andor Stern. **Globo Play**, Programa Conversa com Bial, [S.l.], 9 de outubro de 2018. Color. 10min. Disponível em: <<https://goo.gl/dQj41i>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

⁷⁶ SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma- a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Revista Psicologia Clínica** [online], Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, 2008, p. 69. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, Elaine. **A modernidade como violência e horror**: a burocratização e a desumanização da vida em *É isto um homem?*, de Primo Levi. 2017. 112f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de São José do Rio Preto, São José do Rio Preto, 2017.
- AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**: o arquivo e o testemunho. Tradução: Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.
- AMARAL, Simone Rodrigues do. **O tempo circular e a inexorabilidade do mal no romance “A trégua” de Primo Levi**. 2000. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2000.
- ANDOR Stern, sobrevivente do Holocausto, conta sua história. Entrevista com Andor Stern. **Globo Play**, Programa Conversa com Bial, [S.l.], 9 de outubro de 2018. Color. 10min. Disponível em: <<https://goo.gl/dQj41i>>. Acesso em: 20 nov. 2018.
- BARNI, Roberta. Primo Levi ou da narrativa como Ethos. **Revista de Italianística**, São Paulo, n. 14, p. 71-88, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Tradução: Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BENJAMIN, Walter. Escavando e recordando. In: _____. **Rua de mão única**. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 239-240. (Obras Escolhidas, v. II).
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. **Magia e Técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222-232. (Obras Escolhidas, v. I).
- BIANCONI, Leonardo Rossi. **Bandidos e heróis**: os partigiani na Resistenza de Beppe Fenoglio. 2013. 160f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- BLIKSTEIN, Izidoro. Primo Levi: a semiótica do aniquilamento em Auschwitz. **Revista de Italianística** [online], São Paulo, Ano IV, n. 4, p. 139-147, 1996. Disponível em: <<https://goo.gl/qquReU>>. Acesso em: 20 fev. 2018.
- BOLOGNA, Corrado; ROCCHI, Paola. Capítulo 3: Ricostruire senza dimenticare. In: BOLOGNA, Corrado; ROCCHI, Paola. **Rosa Fresca Aulentissima**. Torino: Loescher Editore, 2009. Cap. 3, p. 176-206.
- CALVINO, Italo. **Il sentiero dei nidi di ragno**. Verona: Mondadori, 2006.
- CALVINO, Italo. Italo Calvino, A Primo Levi. In: _____. **I libri degli altri. Lettere 1947-1981**. A cura di Giovanni Tesio. Torino: Einaudi, 1991.

CAON, Emanuele. Il corpo in due anime: La chiave a stella tra finzione, testimonianza e antropologia. **Ticontre**. Teoria Testo Traduzione [online], Trento (Itália), n. 6, p. 45-61, nov. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/Equ1vB>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

CAPRONI, Giorgio. **Tutte le poesie**. Milano: Garzanti, 1999.

FABRIS, Mariarosaria. **O neo-realismo cinematográfico italiano**. São Paulo: EdUSP, 1996.

FELIX, José Carlos; SALVADORI, Juliana Cristina. A mortificação do corpo em *É isto um homem?* de Primo Levi. **Ilha do Desterro**[online], Florianópolis, v. 68, n. 3, p 43-53, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/sTNpeC>>. Acesso em: 20 out. 2017.

FERRONI, Giulio. **Profilo storico della letteratura italiana**. Milano: Einaudi scuola, 2000.

FIORETTI, Daniele. Pavese e l'engagement postbellico: dai dialoghi col compagno a la casa in collina. In: In: CONCOLINO, Christopher (Org.). **Cesare Pavese a San Francisco: incontro per la celebrazione del centenario della nascita**. A cura di Christopher Concolino. Firenze: Franco Cesati Editore, 2011. p. 53-59.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Do conceito de Mímesis no pensamento de Adorno e Benjamin. In: _____. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GUERINI, Andréia; PETERLE, Patricia. O trabalho: a chave para a liberdade. **Alea: estudos neolatinos** [online], Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 188-192, jan./jun. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/vz8x1M>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

LEVI, Primo . **É isto um homem?** Tradução: Luigi del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

LEVI, Primo. **71 Contos de Primo Levi**. Tradução: Mauricio Santana Dias. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2005.

LEVI, Primo. **A chave estrela**. Tradução: Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LEVI, Primo. **A trégua**. Tradução: Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

LEVI, Primo. **La ricerca delle radici**. Torino: Einaudi, 2011a.

LEVI, Primo. **Se questo è un uomo**. Torino: Einaudi, 2011b.

LEVI, Primo. **I sommersi e i salvati**. Torino: Einaudi, 2014.

LEVI, Primo. **Opere complete**. Organizado por Marco Belpoliti. Torino: Einaudi, 2018a. v. III.

LEVI, Primo. **L'altrui mestiere**. Torino: Einaudi, 2018b.

MACIERA, Aislan Camargo. **Primo Levi: ciência, técnica e literatura**. 2014. 270f. Tese (Doutorado em Letras – Língua, Literatura e Cultura Italianas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

ORENGO, Nico. Natalia Ginzburg: nessuno censurò a Primo Levi. **La Stampa**, Turim, 12 de junho de 1987, p. 3.

PETERLE, Patricia. **Ignazio Silone**: encruzilhadas entre literatura, história e política. Niterói: Comunità, 2011.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. Tradução: Mônica Costa Netto. São Paulo: Ed. 34, 2005.

SCARPA, Domenico. Dal romanticismo a oggi. In: LUZZATTO, Sergio; PEDULLÁ, Gabriele. **Atlante della letteratura italiana**. Torino: Einaudi, 2012. v. III.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Revista Psicologia Clínica** [online], Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

VALLE, Eduardo Garcia. **Contos, crônicas e testemunho**: a ficção e a história em Primo Levi. 2013. 112f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, *Campus Santa Mônica*, 2013.

APÊNDICE A – OUTRAS DISSERTAÇÕES E TESES SOBRE PRIMO LEVI

ANDRADE, Maria Isabel de Matos. **Lilith**: um monstro feminino em Jorge Luis Borges, Dante Gabriel Rossetti e Primo Levi. 2011. 99f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

BASEVI, Anna. **A língua que salva**. Babel e Literatura em Primo Levi. 2012. 194f. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

BASEVI, Anna. **O estranho-estrangeiro na obra de Primo Levi**. 2017. 232f. Tese (Doutorado em Letras Neolatinas) – Faculdade de Letras da UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

FREITAS, Tatiana Maria Gandelman De. **Primo Levi na dimensão do homem**: da violência do mundo ao livro. 2014. Tese (Doutorado em Letras – Ciência da Literatura) – Faculdade de Letras da UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

FRIEDMAN, Iris. **Literatura de Testemunho e a denúncia de uma voz ausente em Primo Levi e Bernardo Kucins**. 2016. 109f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

MACEDO, Luciola Freitas de. **As metamorfoses da coisa**: modos de apresentação do real nos escritos de Primo Levi. 2014. 204f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

MEDEIROS, Joselaine Brondani. **Murmúrios na escuridão**: a voz quase inaudível do sobrevivente Primo Levi em *É isto um homem?* e *A trégua*. 2008. 220f. Tese (Doutorado em Linguística e Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

NEVES, Josiane Rodrigues. **Il cibo e i visi amici**: a memória alimentar na narrativa de Primo Levi. 2017. 134f. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

OLIVEIRA, Lucas Amaral de. **Primo Levi e os rumores da memória**: limites e desafios na construção do testemunho. 2013. 157f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, 2013.

PAIVA, Roberto do Nascimento. **Literatura de testemunho**: o caso Primo Levi. 2001. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

PAIVA, Roberto do Nascimento. **Uma semiótica dos objetos traumáticos na representação do campo de concentração**: dos lugares comuns do best-seller à ótica acurada de Primo Levi. 2005. 212f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

PEREIRA, Nelci Bilhalva. **A literatura de testemunho sobre a Shoah em Primo Levi**. 2017. 126f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2017.

REIS, Cristiano Antônio dos. **Primo Levi: por uma vida não fascista**. 2010. 79f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2010.

REIS, Edson dos. **Pensar o testemunho: alguns temas em Primo Levi**. 2018. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Campus Fátima, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.

ZUCCARELLO, Maria Franca. **Primo Levi e Roberto Benigni: leituras ímpares dos campos de concentração nazistas**. 2006. 177f. Tese (Doutorado em Letras Neolatinas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

ZUCCARELLO, Maria Franca. **A conquista da liberdade do homem na obra de Primo Levi**. 2001. 161f. Dissertação (Mestrado em Letras – Língua e Literatura Italiana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.